

A Nuvem sobre o Santuário

Título original: *The Cloud Upon the Sanctuary*.

Escrito por Karl Von Eckartshausen.

E-book gerado automaticamente em 18/07/2011 22:01:49. Baixe a versão mais recente em:

<http://hadnu.org/permalinks/publications/36>

Acesse todo o acervo do Hadnu em:

<http://hadnu.org/>

A Nuvem sobre o Santuário	3
A Primeira Carta	4
A Segunda Carta	10
A Terceira Carta	17
A Quarta Carta	23
A Quinta Carta	32
A Sexta Carta	39

A Nuvem sobre o Santuário

A Primeira Carta

O nosso século é de preferência a qualquer outro o mais notável para o observador imparcial e sereno. Por toda parte existe fermentação tanto na alma como no coração do homem; encontra-se a cada passo o combate da luz e das trevas, de idéias mortas e idéias vivas, da vontade morta e inerte com a força viva e ativa; se vê por todo lado enfim, a guerra entre o homem animal e o homem espiritual que desperta.

Homem natural renuncia às tuas últimas forças; até teu próprio combate revela a tua natureza superior que repousa em teu seio. Presentes a tua dignidade, tu a sentes mesmo; porém tudo é ainda obscuro ao teu redor e a lâmpada da tua débil razão não é suficiente para iluminar os objetos aos quais deverias aspirar.

Diz-se que vivemos no século das luzes e seria mais justo dizer que vivemos no século do crepúsculo: aqui e ali, o raio luminoso penetra através da nuvem das trevas, mas ele não ilumina ainda com toda a sua pureza nossa razão e nosso coração. Os homens não estão de acordo sobre as suas concepções: sábios disputam; e onde há disputa, não existe a luz nem se conhece a verdade.

Os objetos mais importantes para a humanidade são ainda indeterminados. Não se está de acordo nem sobre o princípio da razão, nem sobre o princípio da moralidade ou do móbil da vontade. Isto prova que mau grado estejamos na grande época das luzes, ainda não sabemos bem o que ela representa em nosso cérebro e em nosso coração.

Seria possível que nós soubéssemos tudo isto mais cedo, se não imaginássemos que temos já a flama do conhecimento em nossas mãos, ou se pudéssemos lançar um olhar sobre a nossa fraqueza e reconhecer que ainda nos falta uma luz mais elevada.

Nós vivemos nos tempos da idolatria da razão, depositamos uma tocha sobre o altar, proclamamos em altas vozes que a aurora está despontando e que por toda parte o dia aparece realmente, e deste modo o mundo se eleva cada vez mais da obscuridade à luz e a perfeição, pelas artes, as ciências, gosto refinado ou mesmo por uma perfeita compreensão da religião.

Pobres homens! até onde haveis exaltado a felicidade dos homens?

Existiu jamais um século que tivesse custado tantas vítimas como o presente? Existiu jamais um século no qual a imoralidade e o egoísmo tenham predominado mais do que neste? Conhece-se a árvore pelos seus frutos.

Insensatos!... Com o vosso falso raciocínio... onde obtivesses a luz com a qual quereis esclarecer os outros? Será que todas as vossas idéias não são tiradas dos sentidos, que não vos dão qualquer verdade mas somente os fenômenos externos?

Tudo aquilo que dá o conhecimento no tempo e no espaço não é relativo? Tudo aquilo que nós podemos chamar verdadeiro, não é apenas uma verdade relativa?... Não se pode achar a verdade absoluta na esfera dos fenômenos externos.

Assim sendo, vosso raciocínio não possui a "Essencialidade" mas somente a aparência da verdade e da Luz; assim é que, quanto mais esta aparência aumenta e se expande, mais a "Essência da luz" decresce no interior, e o homem se perde na aparência e tateia para atingir as fantásticas imagens despidas de realidade.

A filosofia do nosso século eleva a fraca razão natural a objetividade independente; atribuindo-lhe

mesmo um poder legislativo, isentando-a de uma autoridade superior. Torna-a autônoma e a diviniza, suprimindo entre Deus e ela toda relação, toda comunicação, e esta razão deificada, que não tem outra lei que a sua própria, deve governar os homens e torná-los felizes!... As trevas devem expandir a luz!... A pobreza deve dar a riqueza!... E a morte deve dar a vida!...

A verdade conduz os homens à felicidade... Podeis vós dá-la?

O que, vós chamais verdade é uma forma de concepção vazia de substância cujo conhecimento foi adquirido externamente, pelos sentidos; o entendimento coordena-os por uma síntese das relações observadas em ciência ou em opiniões. Vós não tendes absolutamente verdade material, o princípio espiritual e material é para vós um Número.

Retirais das Escrituras e da tradição a verdade moral, teórica e prática; mas como a individualidade é o princípio de vossa razão, e o egoísmo é o móbil da vossa vontade, não vedes a vossa luz interior, a lei moral que governa todas as coisas, ou a rechaçais com a vossa vontade. É até lá que as luzes atuais foram conduzidas. A individualidade sob o manto da hipocrisia filosófica, é a filha da corrupção.

Quem pode afirmar que o sol está em pleno meio dia, se nenhum raio luminoso alegra a terra e nenhum calor vivifica as plantas? Se a sabedoria não melhora os homens e o amor não os torna mais felizes, bem pouca coisa se fez ainda para o todo.

Oh! se somente o homem natural ou o homem dos sentidos pudesse perceber que o princípio de sua razão e o móbil de sua vontade, são somente a individualidade, e que por isto mesmo, ele devia ser extremamente miserável, procuraria um princípio mais elevado no seu interior, e aproximar-se-ia da única fonte que pode saciar a todos, porque ela é a "Sabedoria na sua própria essência".

J.C. é a Sabedoria, a Verdade e o Amor. Como Sabedoria Ele é o princípio da razão, a fonte do conhecimento, a mais pura. Como Amor Ele é o princípio da moralidade, o móbil essencial e puro da vontade.

O Amor e a Sabedoria engendram o Espírito da Verdade, a luz interior, esta luz ilumina em nós os objetos sobrenaturais e os torna objetivos.

É inconcebível observar até que ponto o homem cai no erro quando ele abandona as verdades simples da fé, e a elas opõe a sua própria opinião.

Nosso século procura definir cerebralmente o princípio da razão e da moralidade, ou do móbil da vontade; se os senhores sábios estivessem atentos, veriam que estas coisas encontrariam melhor resposta no coração do homem, mais simples, que em todos os seus brilhantes raciocínios.

O cristão prático encontra este móbil da vontade, princípio de toda imoralidade, objetiva e realmente no seu coração e este móbil se exprime na seguinte fórmula:

"Ama a Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo".

O amor de Deus e do próximo é, o móbil da vontade do cristão; e a essência do próprio amor é Jesus Cristo em nós.

Assim é que o princípio da razão é a sabedoria em nós; e, a essência da sabedoria, a sabedoria em sua substância é ainda J.C. - a Luz do Mundo. Assim encontramos nele o princípio da razão e da moralidade.

Tudo o que eu digo aqui não é, uma extravagância hiperfísica, é a realidade, a verdade absoluta que cada um pode comprovar experimentalmente desde que recebe em si o princípio da razão e da moralidade, J.C. como sendo a Sabedoria e o Amor essenciais.

Mas a visão do homem dos sentidos é profundamente inapta para captar a base absoluta de tudo aquilo que é verdadeiro o transcendental. Mesmo a razão que nós queremos elevar hoje sobre o trono como legisladora, é tão somente a razão dos sentidos, cuja luz difere da luz transcendental, como a fosforescência do fogo-fátuo difere do esplendor do sol.

A verdade absoluta não existe para o homem dos sentidos mas somente para o homem interior e espiritual que possui um sensorium próprio; ou, para dizer mais precisamente, que possui sentido interior para perceber a verdade absoluta do mundo transcendental; um sentido espiritual que percebe os objetos espirituais tão naturalmente em objetividade, como o sentido exterior percebe os objetos exteriores.

Este sentido interior do homem espiritual, este sensorium de um mundo metafísico não é, infelizmente ainda conhecido de todos, é um mistério do reino de Deus.

A incredulidade atual para todas as coisas onde a razão dos nossos sentidos não encontra ponto de objetividade sensível, é a causa que nos faz desconhecer as verdades, as mais importantes para o homem.

Mas, como poderia ser de outra forma? Para ver é necessário ter olhos; para ouvir, ouvidos. Todo objeto sensível requer seu sentido. Assim é que o objeto transcendental requer também seu sensorium, - e este mesmo sensorium está fechado para a maioria dos homens. Desta forma o homem dos sentidos julga o mundo metafísico como o cego julga as cores, e como o surdo julga o som.

Existe um princípio objetivo e substancial da razão e um móbil objetivo e substancial da vontade. Estes dois conjuntos formam o novo princípio da vida cuja imoralidade, é essencialmente inerente. Esta substância pura da razão e da vontade reunidas é o divino e o humano em nós; J.-C. a Luz do mundo que deve entrar em relação direta conosco para ser realmente conhecida.

Este conhecimento real é a fé viva onde tudo se passa em espírito e em verdade.

Assim, deve existir necessariamente para essa comunicação um sensorium organizado e espiritual, um órgão espiritual e interior, susceptível de receber essa luz, mas que está fechado na maioria dos homens pela espessura dos sentidos.

Esse órgão interior é o sentido intuitivo do mundo transcendental, e antes que esse sentido de intuição seja aberto em nós, não podemos ter nenhuma certeza objetiva da verdade mais elevada. Este órgão foi fechado por consequência da queda, que atirou o homem no mundo dos sentidos.

A matéria grosseira que envolve esse sensorium interior é uma catarata, ou véu que cobre a visão interior, tornando a visão exterior inapta à visão do mundo espiritual. Esta mesma natureza ensurdece nosso ouvido interior, de maneira que não ouvimos mais os sons do mundo metafísico; ela paralisa nossa língua interior, de maneira que nós não podemos mais nem mesmo balbuciar as palavras de força do espírito que pronunciávamos outrora pelas quais nós governávamos a natureza exterior e os elementos.

A abertura desse sensorium espiritual é o mistério do Novo Homem, o mistério da Regeneração e da união a mais íntimo do homem com Deus; é a meta mais elevada da religião aqui em baixo, desta religião cuja finalidade mais sublime é de unir os homens a Deus em Espírito e Verdade.

Podemos facilmente perceber por meio disto, porque a religião tende sempre à sujeição do homem material. Ela age assim porque quer tornar o homem espiritual dominante, afim de que o homem espiritual ou verdadeiramente racional governe o homem dos sentidos.

O filósofo sente também esta verdade; seu erro somente consiste em não conhecer o Verdadeiro princípio da razão e querer colocar em seu lugar a sua individualidade, sua razão dos sentidos.

Como o homem possui em seu interior um órgão espiritual e um sensorium para receber o princípio real da razão ou a Sabedoria divina, e o móbil real da vontade, ou o Amor divino, ele possui também no seu exterior, um sensorium físico e material para receber “a aparência” da luz e da verdade. Como a natureza exterior não possui a verdade absoluta, mas somente a verdade relativa do mundo fenomenal, assim também a razão humana não pode mais adquirir verdades inteligíveis, mas somente a aparência do fenômeno que apenas excita nela, para móbil de sua vontade, a concupiscência, no que consiste a corrupção do homem sensorial e a degradação da natureza.

O sensorium externo do homem é composto de matéria corruptível, enquanto que o sensorium interior tem por substrato fundamental, substância incorruptível, transcendental e metafísica.

O primeiro é causa de nossa depravação e nossa mortalidade; o segundo é o princípio de nossa incorruptibilidade e imortalidade.

Nos domínios da natureza material e corruptível, a mortalidade esconde a imortalidade e a causa de nosso estado miserável é a matéria corruptível e perecível. Para que o homem seja libertado desta angústia, é necessário que o princípio imortal e incorruptível que está em seu íntimo se exteriorize e absorva o princípio corruptível, a fim de que o invólucro dos sentidos seja destruído e que o homem possa aparecer na sua pureza original.

Este invólucro da natureza sensível é uma substância essencialmente corruptível, que se encontra em nosso sangue, forma as ligações da carne e escraviza nosso espírito imortal a essa carne mortal.

É possível romper mais ou menos esse envoltório em cada homem e em conseqüência conceder a seu espírito, uma liberdade mais ampla, para que ele chegue a um conhecimento mais preciso do mundo transcendental.

Há três graus sucessivos de abertura em nosso sensorium espiritual.

O primeiro apenas nos eleva ao plano moral e o mundo transcendental, aí age em nós por impulsos interiores, chamados inspirações.

O segundo grau, mais elevado, abre nosso sensorium para a recepção do espiritual e do intelectual, e o mundo metafísico age em nós por iluminações interiores.

O terceiro é mais alto grau - o mais raramente alcançado - desperta o homem interior por completo. Ele nos revela o Reino do Espírito e nos torna susceptíveis de experimentar objetivamente as realidades metafísicas e transcendentais; daí todas as visões são explicadas fundamentalmente. Assim sendo, nós temos no interior, o sentido e a objetividade, como no exterior. Somente os objetos e os sentidos são diferentes. No exterior, existe o móbil animal e sensual que age sobre nós, e a matéria corruptível dos sentidos sofre a ação. No interior, é a substância indivisível e metafísica que se introduz em nós, e o ser incorruptível e imortal do nosso espírito recebe suas influências. Mas, em geral, no interior, as coisas se passam tão naturalmente como no exterior; a lei é por toda parte a mesma.

Portanto, como o espírito, ou nosso homem interior tem um senso completamente diferente e uma

outra objetividade do homem natural, não devemos de maneira alguma surpreender-nos que ele fique um enigma para os sábios do nosso século, que não conhecem estes sentidos, e não tiveram jamais a percepção objetiva do mundo transcendental e espiritual. Eis aí porque eles medem o sobrenatural com a medida dos sentidos, confundem a matéria corruptível com a substância incorruptível, e seus julgamentos são necessariamente falsos sobre um assunto para a percepção do qual eles não possuem nem sentidos nem objetividade, e, por conseguinte, nem verdade relativa nem verdade absoluta. No que concerne as verdades que anunciamos aqui, temos que agradecer infinitamente à filosofia de Kant.

Kant incontestavelmente provou que a razão em seu estado natural, não sabe absolutamente nada do sobrenatural, do espiritual e do transcendental, e que ela nada pode conhecer, nem analiticamente, nem sinteticamente, e que assim sendo, ela não pode provar nem a possibilidade nem a realidade dos espíritos, das almas e de Deus.

Isto é uma grande verdade, elevada e benéfica para os nossos tempos; é verdade que São Paulo já a havia estabelecido (primeira epístola aos Coríntios Cap. I, V. 2-24); mas a filosofia pagã dos sábios cristãos soube ignorá-la até Kant.

O benefício desta, verdade é duplo. Primeiramente ela põe limites intransponíveis ao sentimento, ao fanatismo e à extravagância da razão carnal.

Em seguida põe na mais resplandecente luz a necessidade e a divindade da Revelação. O que prova que a nossa razão humana, em seu estado obtuso não tem nenhuma fonte objetiva para o sobrenatural sem a revelação; nenhuma fonte para instruir-se de Deus, do mundo espiritual, da alma e da sua imortalidade; de onde se segue que seria absolutamente impossível sem revelação, saber ou conjecturar nada sobre essas coisas.

Por isto nós somos devedores a Kant por ter provado nos nossos dias aos filósofos, como já o havia sido desde muito tempo em escola mais elevada da comunidade da Luz, que "SEM REVELAÇÃO, NENHUM CONHECIMENTO DE DEUS E NENHUMA DOCTRINA SOBRE A ALMA SERIAM POSSÍVEIS".

Por onde, é claro que uma revelação universal deve servir de base fundamental a todas as religiões de mundo.

Assim, segundo Kant está provado que o mundo inteligível é inteiramente inacessível à razão natural, e que Deus habita uma luz na qual nenhuma especulação da razão limitada pode penetrar.

Desta forma o homem dos sentidos ou homem natural não tem nenhuma objetividade do transcendental; daí, à revelação de verdades mais elevadas lhe é necessária e por isto também a fé na revelação, porque a fé lhe dá os meios de abrir seu sensorium interior, pelo qual as verdades inacessíveis ao homem natural lhe podem ser perceptíveis.

É perfeitamente plausível que com os novos sentidos possamos adquirir novas realidades. Estas realidades existem já, mas nós não as distinguimos porque nos falta o órgão da receptividade.

É assim que, embora as cores existam, o cego não as vê; o som também existe, mas o surdo não o escuta. Não devemos procurar a falta no objeto perceptível mas no órgão receptor.

Com o desenvolvimento de um novo órgão nós temos uma nova percepção, novas objetividades.

O mundo espiritual não existe para nós porque o órgão que o torna objetivo em nós não está desenvolvido. Com o desenvolvimento deste novo órgão, a cortina levanta-se imediatamente, o véu

impenetrável até o momento, é rasgado, a nuvem à frente do santuário é dissipada, um novo mundo surge num relance para nós; as vendas tombam dos olhos e nós somos, no mesmo instante, transportados da legião dos fenômenos para a da verdade.

Só Deus é Substância, Verdade absoluta, Ele só é aquele que É, e nós somos aquilo que Ele nos fez.

Para Ele, tudo existe na unidade; para nós, tudo existe na multiplicidade.

Muitos homens não têm a menor idéia deste despertar do sensorium interior como também não a têm para o "objeto" verdadeiro e interior da "Vida do Espírito", que não conhecem; nem sequer pressentem de nenhuma maneira.

Daí, ser-lhes impossível saber que se pode perceber o espiritual e o transcendental e que se pode ser levado ao sobrenatural até à visão.

A verdadeira edificação do templo consiste unicamente em destruir a miserável cabana adâmica e construir a templo da divindade; isto é, em outros termos, desenvolver em nós o sensorium interior ou órgão que recebe Deus; depois deste desenvolvimento, o princípio metafísico e incorruptível reina sobre o princípio terrestre e o homem começa a viver, não mais no princípio do amor próprio, mas no Espírito e na Verdade de que ele é o templo.

A lei moral passa então a ser amor ao próximo e, o mais puro, enquanto que, ela não é para o homem natural exterior dos sentidos, senão uma simples forma de pensamento; e o homem espiritual regenerado no espírito, vê tudo no ser, do qual o homem natural tem somente formas vazias do pensamento, o som vazio, os símbolos e a letra, que são todos imagens mortas, sem o espírito interior.

O fim mais elevado da religião é a união a mais íntima do homem com Deus, e esta união já é possível mesmo aqui em baixo, mas ela não o é senão pela abertura de nosso sensorium interior e espiritual que torna nosso coração susceptível de receber Deus.

Aí estão os grandes mistérios dos quais a nossa filosofia não duvida, e cuja chave não pode ser encontrada entre os sábios de escola.

Contudo sempre existiu uma escola mais elevada, à qual este depósito de toda ciência foi confiado, e esta escola era a comunidade interior e luminosa do Senhor, a sociedade dos Eleitos que se propagou, sem interrupção, desde o primeiro dia da criação até aos tempos presentes; seus membros, é verdade, estão dispersas pelo mundo, mas eles estiveram sempre unidos por um espírito e por uma verdade, e não tiveram jamais senão um só conhecimento, uma única fonte de verdade, um senhor, um doutor e um mestre, em que reside substancialmente a plenitude Universal de Deus, e que os iniciou, Ele só, nos mistérios elevados da natureza e do Mundo Espiritual.

Esta comunidade da luz foi denominada em todos os tempos a Igreja invisível e interior, ou a comunidade, a mais antiga, da qual nós vos falaremos mais detalhadamente na próxima carta.

A Segunda Carta

É necessário, meus caríssimos irmão no Senhor, dar-vos uma idéia pura da Igreja interior, desta "Comunidade Luminosa de Deus", que está dispersada através do mundo; mas que é governada pela verdade e unida pelo espírito.

Esta comunidade da luz existe desde o primeiro dia da criação do mundo, e sua existência permanecerá até o último dia dos tempos.

Ela é a sociedade dos eleitos que distinguem a luz nas trevas, separando-a em sua essência.

Esta comunidade da luz possui uma escola na qual o próprio Espírito de Sabedoria instrui àqueles que têm sede de luz; e todos os mistérios de Deus e da natureza são conservados nesta escola pelos filhos da luz. O conhecimento perfeito de Deus, da natureza e da humanidade, são os objetos do ensinamento desta escola. É dela que todas as verdades vêm ao mundo; ela foi a escola dos profetas e de todos aqueles que procuram a sabedoria; e é somente nesta comunidade que se encontra a verdade e a explicação de todos os mistérios. Ela é a comunidade mais íntima e possui membros de todo o universo, eis as idéias que se podem ter dela. Em todos os tempos, o exterior tinha por base um interior do qual não era mais do que a expressão e o plano.

Assim é que, em todas as eras, existiu uma assembléia íntima, a sociedade dos eleitos, a sociedade daqueles mais capazes para a luz e que a procuravam; esta sociedade íntima era chamada o Santuário interior ou a Igreja interior.

Todos os símbolos, cerimônias e ritos que possui a Igreja exterior, correspondem à letra da qual o espírito e a verdade se acham na Igreja interior.

Portanto, a Igreja interior é uma sociedade cujos membros estão espalhados por todo o mundo, mas ligados intimamente pelo espírito do amor e da verdade, ocupada sempre na construção do grande templo para a regeneração da humanidade, pela qual o reino de Deus há de se manifestar. Esta sociedade reside na comunhão daqueles que estão mais aptos para receber a luz, ou dos eleitos.

Estes eleitos estão unidos pelo espírito e a verdade e o seu chefe é a própria Luz do Mundo, Jesus Cristo, o eleito da luz, o mediador único da espécie humana, o Caminho, a Verdade e a Vida; a luz primitiva, a sabedoria, o único "meio" pelo qual os homens podem retornar a Deus.

A Igreja interior nasceu logo após a queda do homem e recebeu de Deus, imediatamente, a revelação dos meios pelos quais a espécie humana caída seria reintegrada na sua dignidade, e libertada de sua miséria. Ela recebeu o depósito primitivo de todas as revelações e mistérios; ela recebeu a chave da verdadeira ciência, tanto divina como natural.

Mas quando os homens se multiplicaram, a fragilidade e fraqueza inerentes a espécie impuseram um culto exterior para ocultar a sociedade interior e encobrir pela letra o espírito e a verdade. Porque a coletividade, a multidão, o povo, não eram capazes de compreender os grandes mistérios interiores e constituiria um perigo demasiado grande confiar o mais santo aos incapazes, encobriram as verdades interiores nas cerimônias exteriores e sensíveis, para que o homem, pelo sensível e o exterior que é o símbolo do interior, se tornasse gradativamente capaz de aproximar-se mais das verdades internas do espírito.

Mas a essência sempre foi confiada àquele que, no seu tempo, tinha mais aptidões para receber a luz; e somente esse era o possuidor do depósito primitivo como Sumo sacerdote do Santuário.

Quando se tornou necessário que as verdades interiores fossem simbolizadas nas cerimônias exteriores, por causa da fraqueza dos homens que não eram capazes de suportar a vista da luz, o culto, exterior nasceu, mas ele foi sempre o tipo e o símbolo do interior, quer dizer, o símbolo da verdadeira homenagem feita a Deus "em espírito e verdade".

A diferença entre o homem espiritual e o homem animal, ou entre o homem racional e o homem dos sentidos, obrigou as formas exterior e interior.

As verdades internas ou espirituais manifestaram-se envoltas em símbolos e cerimônias, para que o, homem animal ou dos sentidos pudesse despertar e ser conduzido pouco a pouco, às verdades interiores.

Portanto, o culto exterior é uma representação simbólica das verdades interiores, das verdadeiras relações do homem com Deus antes e após a queda, no estado de sua dignidade, de sua reconciliação e de sua mais perfeita união. Todos os símbolos do culto exterior estão construídos sobre estas três relações fundamentais.

O cuidado do exterior era a ocupação dos sacerdotes, e cada pai de família estava, nos tempos primitivos, encarregado deste ofício. As primícias dos frutos e as primeiras crias dos animais eram oferecidas a Deus; os primeiros simbolizando que tudo o que nos alimenta e nos conserva vem Dele; e os segundos simbolizando que o homem animal deve morrer para dar lugar ao homem espiritual e racional.

A adoração exterior de Deus não deveria jamais separar-se da adoração interior; mas como a fraqueza do homem leva-o facilmente a esquecer o espírito para agarrar-se à letra, o Espírito de Deus despertou sempre, entre todas as nações, naqueles que tinham as aptidões necessárias para a luz, e serviu-se deles, como seus agentes, para espalhar por todo o mundo a verdade e a luz, segundo a capacidade dos homens a fim de vivificar a letra morta pelo espírito e a verdade.

Por estes instrumentos divinos, as verdades interiores do santuário eram levadas às nações mais longínquas, e modificadas simbolicamente, segundo os hábitos, capacidade de cultura, clima e receptividade.

De maneira que os tipos exteriores de todas as religiões, seus cultos, suas cerimônias e seus livros santos, em geral, têm quase claramente por objeto as verdades interiores do santuário, pelas quais a humanidade será conduzida somente no devido tempo, à universalidade do conhecimento da verdade única.

Quanto mais o culto exterior de um povo permaneceu unido ao espírito das verdades interiores, mais a sua religião foi pura; quanto mais a letra simbólica se separou do espírito interior, mais a religião se tornou imperfeita, até a ponto de degenerar entre alguns, em politeísmo, quando a letra exterior perdeu completamente seu espírito interior e não restou mais de que o cerimonial exterior sem alma e sem vida.

Quando os germens das verdades mais importantes puderam ser levados aos povos pelos agentes de Deus, Ele escolheu um povo determinado para erigir um símbolo vivo, destinado a mostrar como Ele queria governar toda a espécie humana em seu estado atual, e conduzi-la à sua mais alta purificação e perfeição.

Deus próprio deu a seu povo a sua legislação exterior religiosa; e, como signo de sua verdade, entregou-lhe todos os símbolos e todas as cerimônias que continham a essência das verdades interiores e grandiosas do santuário.

Deus consagrou essa igreja exterior em Abraão, deu-lhe os mandamentos por Moisés, e assegurou-lhe sua mais alta perfeição pela dupla missão de Jesus Cristo, no princípio, vivendo pessoalmente na pobreza e no sofrimento, e depois pela comunhão de seu espírito na glória do ressuscitado.

Mas, como o próprio Deus deu os fundamentos da Igreja exterior, a totalidade dos símbolos do culto exterior formou a ciência do templo, ou dos sacerdotes daqueles tempos, e, todos os mistérios das verdades mais santas e interiores tornaram-se exteriores pela revelação.

O conhecimento científico deste simbolismo santo, era a ciência de religar Deus ao homem caído, e daí a religião recebeu seu nome como sendo a doutrina que liga o homem, separado e afastado de Deus, a Deus que é sua origem.

Vê-se facilmente por esta idéia pura do nome religião em geral, que a unidade da religião está no santuário íntimo, e que a multiplicidade das religiões exteriores não pode jamais alterar nem enfraquecer esta unidade que é a base de todo exterior.

A sabedoria do templo da antiga aliança era governada pelos sacerdotes e pelos profetas.

O exterior, a letra do símbolo, o hieróglifo; eram confiados aos sacerdotes.

Os profetas tinham a seu cuidado o interior, o espírito e a verdade, e sua função era a de conduzir sempre os sacerdotes da letra ao espírito, quando lhes acontecia esquecer o espírito e agarrar-se à letra.

A ciência dos sacerdotes era a do conhecimento dos símbolos exteriores.

A ciência dos profetas era a posse prática do espírito e da verdade destes símbolos. No exterior a letra; no interior o espírito vivificante.

Existia também, na antiga aliança, uma escola de sacerdotes e uma escola de profetas.

A dos sacerdotes ocupava-se dos emblemas e a dos profetas das verdades que estavam encerradas sob os emblemas. Os sacerdotes estavam de posse exterior da Arca, dos pães da proposição, do candelabro, do maná, da vara de Aarão, e os profetas estavam de posse das verdades interiores e espirituais que eram representadas exteriormente pelos símbolos dos quais vimos falar.

A Igreja exterior da antiga aliança era visível; a Igreja interior era sempre invisível, devia ser invisível, e entretanto governar tudo, porque somente a ela estavam confiados o poder e a força.

Quando o culto exterior abandonava o interior, caía, e Deus provava por uma continuidade das mais notáveis ocorrências, que a letra não pode subsistir sem o espírito; que ela somente é dada para conduzir ao espírito, tornando-se inútil e mesmo rejeitada de Deus, se abandona sua finalidade.

Assim como o espírito da natureza se espalha nas profundezas mais estéreis para vivificar, para conservar e para dar desenvolvimento a tudo que lhe é susceptível, assim também o espírito da luz se espalha no interior de todas as nações, para animar completamente a letra morta pelo espírito vivo.

É assim que encontramos um Jó entre os idólatras, um Melquisedeck entre as nações estrangeiras, um José entre os sacerdotes egípcios, e Moisés no país de Madian, como prova palpável de que a comunidade interior daqueles que são capazes de receber a luz, estava unida pelo espírito e pela verdade em todos os tempos e entre todas as nações.

A todos esses agentes de luz da comunidade interior e única, uniu-se o mais importante de todos os agentes, o próprio Jesus Cristo, no meio do tempo como um rei-sacerdote; segundo a ordem de Melquisedeck,

Os agentes divinos da antiga aliança não representaram senão as perfeições particulares de Deus; no decorrer dos tempos uma ação poderosa devia produzir-se que mostrasse de uma só vez o todo em Um. Um tipo universal apareceu acentuando a completa unidade, abrindo uma nova porta e destruindo a numerosa servidão humana. A lei do amor começou quando a imagem emanada da própria Sabedoria mostrou ao homem toda grandeza de seu ser, revigorou-o de todas as forças, assegurou-lhe sua imortalidade e elevou seu ser intelectual para tornar-se o verdadeiro templo do Espírito.

Este agente maior de todos, este Salvador do mundo, este regenerador universal fixou toda a sua atenção sobre esta verdade primitiva, pela qual o homem pôde conservar sua existência e recobrar a dignidade que possuía.

Em suas humilhações implantou a base da redenção dos homens e prometeu cumpri-la completamente por seu espírito. Ele mostrou também num perfeito esboço aos seus apóstolos tudo o que devia se passar um dia com seus eleitos.

Ele continuou a cadeia da comunidade interior da luz, entre seus eleitos, aos quais enviou o Espírito da Verdade, e confiou-lhes o depósito primitivo mais elevado de todas, as verdades divinas e naturais, em sinal de que eles não abandonariam jamais sua comunidade interior.

Quando a letra e o culto simbólico da Igreja exterior da antiga aliança, passaram em verdade pela encarnação do Salvador, e foram atestados em sua pessoa, novos símbolos se tornaram necessários para o exterior, que mostrassem segundo a letra, a realização futura ou integral da redenção.

Os símbolos e os ritos da igreja exterior Cristã foram dispostos segundo estas verdades invariáveis e fundamentais, e anunciaram coisas de uma força e importância que não se podem descrever, nem foram reveladas àqueles que conheciam o santuário íntimo.

Este santuário interior permaneceu sempre invariável, ainda que o exterior da religião, ou seja, a letra recebesse no decorrer do tempo e circunstâncias, diferentes modificações, e se afastasse das verdades interiores, que são as que podem conservar o exterior ou a letra.

O pensamento profano de querer atualizar tudo o que é cristão, e de querer cristianizar tudo o que é político, modificou o edifício exterior, e cobriu com as trevas e a morte o que estava no interior, a luz e a vida. Daí nasceram as divisões e as heresias: o espírito sofisticado queria explicar a letra embora já tivesse perdido o espírito da verdade.

A incredulidade levou a corrupção ao mais elevado grau; até se procurou atacar o edifício do cristianismo em suas primitivas bases, confundindo o interior santo, com o exterior que estava sujeito às fraquezas e à ignorância dos homens frágeis.

Assim nasceu o deísmo, que engendrou o materialismo e viu como uma fantasia toda união do homem com as forças superiores; e por fim nasceu, parte pelo entendimento e parte pelo coração, o ateísmo, último grau de decadência do homem.

No meio de tudo isto, a verdade permaneceu sempre inquebrantável no interior do santuário.

Fiéis ao Espírito da verdade que prometeu jamais abandonar a sua comunidade; os membros da Igreja interior viveram em silêncio e em atividade real e uniram a ciência do templo da primitiva

aliança ao espírito do Grande Salvador dos homens, a espírito da aliança interior, esperando humildemente o grande momento no qual o Senhor os chamará, e reunirá sua comunidade para dar a toda letra morta a força exterior e a vida.

Esta comunidade interior da luz é o conjunto de todos aqueles que estão capacitados para receber a luz dos eleitos, e é conhecida sob o nome de "Comunhão dos santos". O depósito primitivo de todas as forças e de todas as verdades foi confiado em todos os tempos a esta comunidade da luz; que só ela, como disse São Paulo, estava de posse da ciência dos Santos. Por ela os agentes de Deus foram formados em cada época, passaram do interior, ao exterior, e comunicaram o espírito e a vida à letra morta, como já dissemos anteriormente.

Esta comunidade da luz foi em todos os tempos a verdadeira escola do Espírito de Deus; e, considerada como escola, tem sua Cátedra, seu Doutor; possui um livro no qual seus discípulos estudam as formas e os objetos dos ensinamentos, e finalmente um método de estudo.

Ela tem, também, seus graus pelos quais o espírito pode desenvolver-se sucessivamente e elevar-se sempre cada vez mais.

O primeiro grau, o menor, consiste no bem moral pelo qual a vontade simples, subordinada a Deus, é conduzida ao bem pelo móbil puro da vontade, quer dizer, Jesus Cristo, que ela recebeu pela fé. Os meios dos quais o espírito desta escola se serve são chamados inspirações.

O segundo grau consiste no assentimento intelectual, pelo qual a compreensão do homem de bem que está unido a Deus, é coroada com a sabedoria e a luz do conhecimento; e os meios pelos quais o espírito se serve para este grau são chamados iluminações interiores.

O terceiro grau enfim, e o mais elevado, é o completo despertar do nosso sensorium interno, pelo qual o homem interior alcança a visão objetiva das verdades metafísicas e reais. Este é o grau mais elevado onde a fé se transforma em visões claras e os meios pelos quais o espírito se serve para isso são as visões reais.

Eis os três graus da verdadeira escola de sabedoria interior, da comunidade interior da luz. O mesmo espírito que aperfeiçoa os homens para esta comunidade, distribui também os graus, pela coação do próprio candidato, devidamente preparado.

Esta escola da sabedoria foi em todos os tempos, a mais secreta e a mais oculta do mundo, porque ela estava invisível e submissa unicamente à direção divina.

Ela não esteve jamais exposta aos acidentes do tempo nem às fraquezas dos homens. Porque nela não houve em todos os tempos senão os mais capazes que foram escolhidos pelas suas qualidades, e o Espírito que os escolheu não podia errar.

Nessa escola se desenvolveram os germens de todas as ciências sublimes que foram primeiramente recebidas pelas escolas exteriores, e, aí revestiram-se de outras formas verdadeiras algumas vezes tornadas disformes.

Esta sociedade interior de sábios comunicou, segundo o tempo e as circunstâncias, às sociedades exteriores, seus hieróglifos simbólicos para tornar o homem exterior atento às grandes verdades do interior.

Porém todas as sociedades exteriores só subsistem enquanto esta sociedade interior lhes comunica seu espírito. No momento em que as sociedades exteriores queriam emancipar-se da sociedade interior e transformar o templo de sabedoria em um edifício político, a sociedade interior retirava-se

e nelas ficava somente a letra sem o espírito.

Assim é que todas as escolas exteriores secretas da sabedoria foram somente véus hieroglíficos, a verdade mesma permaneceu sempre no santuário para que não pudesse ser jamais profanada.

Nesta sociedade interior o homem encontra a sabedoria, e com ela tudo; não a sabedoria do mundo que não é senão um conhecimento científico rodeando o invólucro exterior, sem jamais tocar o centro onde residem todas as forças; mas a verdadeira sabedoria, assim como os homens que a ela obedecem.

Todas as disputas, todas as controvérsias, todos os objetos da falsa prudência do mundo, todos os idiomas estrangeiros, as vãs dissertações, os germens inúteis das opiniões que propagam a semente da desunião, todos os erros, os cismas e os sistemas, dela estão banidos. Não se encontra ali nem calúnias nem maledicências; todo homem é honrado. A sátira, o espírito que gosta de se divertir a custa do próximo, são ali desconhecidos, e somente se conhece o amor.

A calúnia, este monstro não levanta jamais entre os amigos da sabedoria, sua cabeça de serpente, o respeito mútuo é ali observado rigorosamente; ali não se nota as faltas do próximo nem se lhe fazem críticas sobre defeitos. Caridosamente, conduz-se o viajante ao caminho da verdade, procura-se persuadir, tocar o coração que está em erro, deixando a punição do pecado a clarividência do Mestre da Luz. Alivia-se a necessidade, protege-se a fraqueza, rejubila-se da elevação e da dignidade que o homem adquire.

A felicidade que é o dom do destino não eleva ninguém sobre o próximo; somente se considera feliz aquele ao qual se apresenta a ocasião de fazer o bem a seu próximo, e todos estes homens, que um espírito de verdade une, formam a Igreja invisível, a sociedade do Reino interior sob um chefe único que é Deus.

Não se deve imaginar que esta comunidade representa qualquer sociedade secreta que se reúne em certos tempos, escolhendo seus chefes e membros e propondo-se a determinados fins. Todas as sociedades, quaisquer que sejam não vêm senão depois desta comunidade interior da sabedoria; ela não conhece quaisquer formalidades que são a obra dos homens. No reino das forças todas as formas exteriores desaparecem.

O Próprio Deus é o chefe sempre presente. O homem mais perfeito de seu tempo, o primeiro chefe, não conhece por si mesmo todos os membros; mas no instante em que para a finalidade de Deus se torna necessário esse conhecimento, ele os encontra certamente no mundo para agir em direção a essa finalidade.

Esta comunidade não tem absolutamente véus exteriores. Aquele que é escolhido para agir perante Deus é o primeiro, apresenta-se aos outros sem presunção, e é recebido por eles sem inveja.

Se é necessário que verdadeiros membros se unam, eles se encontram e se reconhecem sem dúvida alguma. Não pode existir nenhum disfarce, e nenhum germen de hipocrisia ou dissimulação sobre os traços característicos desta comunidade, porque são fora do comum. São arrancadas a máscara e a ilusão, e tudo aparece em sua verdadeira forma.

Nenhum membro pode escolher um outro; o consentimento de todos é requerido. Todos os homens são chamados; os chamados podem ser escolhidos, se eles se tornarem aptos para a entrada.

Cada qual pode procurar a entrada, e todo homem que está no interior pode ensinar ao outro a procurar a entrada. Mas enquanto não se estiver preparado não se alcança o interior.

Homens não preparados ocasionariam desordens na comunidade, e a desordem não é compatível com o interior. Este interior expulsa tudo aquilo que não é homogêneo.

A Prudência do mundo espreita em vão este Santuário interior; em vão a malícia procura penetrar os grandes mistérios que aí estão ocultos; tudo é hieróglifo indecifrável para aquele que não está prepara do; nada pode ver nem ler no interior.

Aquele que já está preparado junta-se à corrente, muitas vezes lá onde menos pensava e a um elo do qual nem supunha a existência.

Procurar alcançar a maturidade deve ser o esforço daquele que ama a sabedoria.

Nesta comunidade santa está o depósito original das ciências mais antigas do gênero humano com os mistérios primordiais de todas as ciências e técnicas conduzindo à maturidade.

Ela é a única e verdadeira comunidade da Luz em posse da chave de todos os mistérios e conhecendo o íntimo da natureza e da criação. Ela une as suas forças às forças superiores e compõem-se de membros de mais de um mundo. Estes formam uma república que será um dia a mãe regente do universo inteiro.

A Terceira Carta

A verdade que se encontra no mais íntimo dos mistérios, é semelhante ao Sol; só é permitido ao olhar da águia (a alma do homem capaz de receber a luz), fixá-lo. A visão de outro qualquer mortal é ofuscada e a penumbra o envolve na própria luz.

Jamais a sublime "qualquer coisa" que está no mais íntimo dos santas mistérios se ocultou ao olhar da águia, daquele que é capaz de receber a luz.

Deus e a natureza não têm mistérios para seus filhos. O mistério existe somente na fraqueza do nosso ser, incapaz de suportar a luz, e ainda sem preparo para vislumbrar em toda sua pureza a verdade nua.

Esta fraqueza é a nuvem que cobre o santuário; o véu que oculta o Santo dos Santos.

Mas para que o homem pudesse recuperar a luz, a força e dignidade perdidas, a divindade amante abaixou-se à fraqueza de suas criaturas e escreveu as verdades e os mistérios interiores e eternos, no exterior das coisas, a fim de que o homem pudesse elevar-se por elas até o espírito.

Estes textos são as cerimônias ou o exterior da religião, que conduz ao espírito interior de união com Deus, ativo e cheio de vida.

Os hieróglifos dos mistérios são também partes destes textos; eles são os esquemas e os desenhos das verdades interiores e santas, que cobre o véu estendido sobre o Santuário.

A religião e os mistérios se unem para conduzir todos os nossos irmãos a uma verdade, ambos têm por finalidade uma transposição, uma renovação de nosso ser. Os dois têm por fim a reedificação de um templo no qual a sabedoria habite com o amor, Deus com o homem. Mas a religião e os mistérios seriam fenômenos inteiramente inúteis, se a Divindade não lhes houvesse dado os meios efetivos para alcançar seus grandes fins.

Ora, estes meios sempre têm estado no Santuário o mais interno; os Mistérios estão destinados a construir um templo à Religião, e a Religião está destinada a reunir nele os homens com Deus.

Tal é a grandeza da religião e esta tem sido a alta dignidade dos mistérios de todos os tempos.

Seria ultrajante para vós, irmãos intimamente amados, se pudéssemos pensar que não tivésseis "jamais" contemplado os santos mistérios em seu verdadeiro ponto de vista, que os representa como o único meio de conservar na sua pureza e sua integridade, a doutrina das verdades importantes sobre Deus, a natureza e o homem; esta doutrina estava encerrada na santa linguagem dos símbolos e as verdades que ela continha, tendo sido traduzidas pouco a pouco entre os profanos na sua linguagem comum, tornaram-se cada vez mais obscuras e mais ininteligíveis.

Os mistérios, como sabeis, irmãos caríssimos, prometem coisas que serão sempre a herança de um pequeno número de homens; mistérios que não podem ser vendidos nem ensinados publicamente, são segredos que só podem ser recebidos por um coração que se esforça para adquirir a sabedoria e o amor e aonde a sabedoria e o amor já tenham sido despertados.

Aquele no qual esta chama santa foi despertada, vive completamente feliz, contente com tudo e sente-se livre até na escravidão. Ele vê a causa da corrupção humana e sabe que ela é inevitável. Não odeia nenhum criminoso, deplora e procura levantar aquele que cai, chamando para si ao que se extraviou; não extingue o pavio que bruxuleia e de maneira alguma acaba de quebrar o caniço

envergado, porque ele sente que apesar de toda corrupção, nada existe corrompido em sua totalidade.

Ele penetra num olhar firme a verdade de todos os sistemas religiosos em seus alicerces; ele conhece as origens da superstição e da incredulidade como sendo as modificações da verdade, que ainda não atingiram seu equilíbrio.

Estamos certos, dignos irmãos, que considerais o homem místico deste ponto de vista e que não atribuis de modo algum, à sua "arte real", aquilo que a atividade desregrada de alguns indivíduos isolados tenha feito dele.

É com estes princípios, que são inteiramente os nossos, que vós considerais a religião e os mistérios das santas escolas da sabedoria como irmãos que, dando-se às mãos, têm velado pelo bem de todos os homens desde o seu nascimento.

A religião se divide em uma religião exterior e uma interior. A religião exterior tem por objeto o culto e as cerimônias, e a religião interior, a adoração em espírito e em verdade.

As escolas de sabedoria dividem-se também em escolas exteriores e interiores. As escolas exteriores possuem a letra dos hieróglifos, e as escolas interiores, o espírito e o sentido.

A religião exterior está ligada à religião interior pelas cerimônias.

As escolas exteriores dos mistérios ligam-se, pelos hieróglifos com o interior.

Mas aproximamo-nos agora dos tempos em que o espírito deve tornar a letra viva, a nuvem que cobre o Santuário desaparecerá, os hieróglifos passarão à visão real, as palavras ao entendimento.

Aproximamo-nos dos tempos em que será rasgado o grande véu que cobre o Santo dos Santos. Aquele que venera os santos mistérios não se fará mais compreender por palavras e sinais exteriores, mas pelo espírito das palavras e a verdade dos símbolos.

Assim é que a religião não será mais um cerimonial exterior, mas os mistérios interiores e santos transfigurarão o culto exterior a fim de preparar os homens à adoração de Deus em espírito e em verdade.

Não tardará que a noite escura da linguagem das imagens desapareça, a luz engendrará o dia e a santa obscuridade dos mistérios se manifestará no esplendor, da mais alta verdade.

Os caminhos da luz estão preparados para os eleitos e para aqueles que são capazes de por ele marcharem. A luz da natureza, a luz da razão e a luz da revelação se unirão.

O átrio da natureza, o templo da razão, e o santuário da revelação formarão um só Templo. É assim que o grande edifício será completamente concluído, edifício que consiste na reunião do homem com a natureza e com Deus.

O conhecimento perfeito de Deus, do homem e da natureza, serão as luzes que iluminarão os condutores da humanidade para reconduzir de todos os lados os homens seus irmãos, das verdades obscuras dos preconceitos, à razão pura, e dos recônditos das paixões tumultuosas aos caminhos da paz e da virtude.

A coroa daqueles que governam o mundo será a razão pura, seu cetro, o amor ativo, e o Santuário lhes dará a unção e a força para libertar o entendimento dos povos dos preconceitos e das trevas,

seus corações das paixões, do amor próprio é do egoísmo, e sua existência física da pobreza e da doença.

Aproximamo-nos do reino da luz, do reino da sabedoria e do amor, de reino de Deus que é a origem da luz; irmãos da luz, existe somente uma religião cuja verdade simples encontra-se dividida em todas as religiões como ramos, para retornar da multiplicidade a uma religião única.

Filhos da verdade, não há senão uma ordem, uma fraternidade, uma associação de homens unidos para adquirir a luz. Deste centro, o mal-entendido fez surgir ordens inumeráveis; todas voltarão da multiplicidade de opiniões à verdade única e a verdadeira associação daqueles que são capazes de receber a luz ou a Comunidade dos Eleitos.

Com esta medida deve-se medir todas as religiões e todas as associações dos homens.

A multiplicidade está no cerimonial exterior, no interior a verdade é uma só.

A causa da multiplicidade das confrarias está na multiplicidade de explicação dos símbolos segundo o tempo, as necessidades e as circunstâncias. A verdadeira comunidade da Luz não pode ser senão uma.

Todo exterior é um envoltório que cobre o interior, assim é que todo exterior é também uma letra que se multiplica sempre, mas que não muda nem enfraquece jamais a simplicidade do espírito no interior.

A letra era necessária, devíamos encontrá-la, compô-lo e aprender a decifrá-la para recobrar o sentido interior, o espírito.

Todos os erros, todas as divisões, todos os mal-entendidos, tudo o que nas religiões e nas associações secretas, dá lugar a tantos erros, somente diz respeito à letra; tudo isso se relaciona somente com o véu exterior sobre o qual os hieróglifos, as cerimônias e os ritos são escritos; nada toca o interior, o espírito permanece intacto e santo.

Presentemente os tempos de realização para os que procuram a luz se aproximam.

Aproxima-se o tempo em que o velho deve ser ligado ao novo, o exterior ao interior, o alto ao baixo, o coração à razão, o homem a Deus, e esta época está reservada à presente idade.

Não me pergunteis, irmãos bem amados... por que na presente idade?

Tudo tem seu tempo para os seres que vivem no tempo e no espaço; assim é que, são as leis invariáveis da Sabedoria de Deus que coordenam tudo de acordo com a harmonia e a perfeição.

Os eleitos deviam primeiramente trabalhar para adquirir a sabedoria e o amor até que fossem capazes de merecer o poder que a invariável Divindade só poderá dar àqueles que conhecem e àqueles que amam.

Durante as trevas da noite espera-se a alvorada; depois o sol se levanta e atinge o meio dia onde toda sombra desaparece ante sua luz direta. No princípio a letra da verdade devia existir, em seguida veio a explicação prática, depois a própria verdade e não foi senão após ela que o Espírito de Verdade pode vir, o qual confirma a verdade e imprime o selo que autentica a luz.

Aquele que está ao alcance da verdade nos entenderá.

É a vós, irmãos intimamente amados, que vos esforçais para adquirir a verdade, que haveis conservado fielmente os hieróglifos dos santos mistérios no vosso templo, é para vos que se dirige o primeiro raio de luz, este raio penetra através das nuvens dos mistérios para anunciar o meio-dia e os tesouros que traz.

Não pergunteis "quem" são aqueles que vos escrevem; olhai o espírito e não a letra, a coisa e não as pessoas.

Nenhum egoísmo, nenhum orgulho ou móbil de baixos sentimentos reina em nosso incógnito. Conhecemos a finalidade do destino dos homens e a luz que nos ilumina guia todas nossas ações.

Somos especialmente chamados para vos escrever, irmãos bem amados na luz; e o que dá vida a nossa incumbência, são as verdades que possuímos e que vos comunicaremos ao menor indício de acordo com a medida de capacidade de cada um.

A comunicação é própria à luz, onde há receptividade e capacidade para ela, mas não obriga ninguém, e aguarda que queiram recebê-la espontaneamente.

Nosso desejo, nossa finalidade, nosso encargo é vivificar por toda parte a letra morta e fazer retornar aos hieróglifos o espírito vivo; e transformar o inativo em ativo, a morte em vida; não podemos realizar tudo isto por nós mesmos, mas pelo Espírito de Luz Daquele que é a Sabedoria, o Amor e a Luz do mundo, e deseja tornar-se também vosso espírito e vossa luz.

Até o presente, o Santuário, o mais interno, foi separado do Templo, e o Templo assediado por aqueles que estavam no exterior; aproxima-se o tempo em que o Santuário interior deve reunir-se ao Templo, para que, aqueles que nele se encontram, possam agir sobre os que estão nos átrios, até que tudo se converta em um só templo.

No nosso santuário, todos os mistérios do espírito e da verdade são conservados puramente; ele não pode ser jamais violado pelos profanos, nem maculado pelos impuros.

Este santuário é invisível como o é uma força que se conhece apenas pela própria ação.

Por esta curta descrição, caros irmãos, podeis julgar quem somos e seria supérfluo assegurar-vos que não fazemos parte dessas cabeças inquietas que, no mundo profano, querem erigir um ideal de suas próprias fantasias. Também não pertencemos àqueles que desejam representar grandes papéis no mundo e prometem prodígios que eles próprios não compreendem. Tão pouco pertencemos a essa classe de descontentes que desejariam vingar-se de sua categoria inferior, ou que têm por finalidade a sede de dominar, o gosto das aventuras e das coisas extravagantes.

Podemos assegurar-vos que não pertencemos a nenhuma outra seita e nenhuma outra associação, que a grande e verdadeira associação de todos aqueles que são capazes de receber a luz, e, nenhuma parcialidade, qualquer que seja ela, terminando por "us" ou por "er" não tem a menor influência sobre nós.

Também não pertencemos àqueles que se julgam no direito de subjugar tudo segundo seus planos e têm a arrogância de querer reformar todas as sociedades; podemos assegurar-vos com fidelidade que conhecemos exatamente o mais íntimo da Religião e dos Santos Mistérios; e que também possuímos realmente aquilo que sempre conjeturou-se estar na profundidade interna do ser, e que esta mesma posse nos dá a força de legitimarmos nosso encargo, e de comunicar por toda parte, ao hieróglifo, à letra morta, o espírito e a vida.

Os tesouros de, nosso santuário são grandes; nós possuímos o sentido e o espírito de todos os

hieróglifos e de todas as cerimônias que existiram desde o dia da Criação até os nossos tempos; e as verdades, as mais internas, de todos os Livros Sagrados, com as razões dos ritos dos mais antigos povos.

Possuímos uma luz que nos unge e pela qual percebemos o mais oculto e o mais interior da natureza.

Possuímos um fogo que nos alimenta e nos dá a força para agir sobre tudo aquilo que está na natureza. Possuímos uma "Chave para abrir" as portas dos mistérios, e uma "chave para fechar" o laboratório da natureza.

Possuímos o conhecimento de um elo para nos ligar aos mundos superiores e transmitir-nos suas linguagens.

Todo o maravilhoso da natureza está subordinado ao poder de nossa vontade em união com a Divindade.

Possuímos a ciência que interroga a própria natureza, onde não existe o erro, mas somente a verdade e a luz.

Na nossa escola, tudo pode ser ensinado; pois nosso mestre é a própria Luz e o seu Espírito. A plenitude de nosso saber é o conhecimento da correspondência do mundo divino com o mundo espiritual, deste com o mundo elemental, e, do inundo elemental com o mundo material.

Por estes conhecimentos estamos em condições de coordenar os espíritos da natureza e o coração do homem.

Nossas ciências são a herança prometida aos Eleitos ou àqueles que são capazes de receber a luz e a prática de nossa ciência é a plenitude da Divina Aliança com os filhos dos homens.

Poderíamos vos contar, queridos irmãos, coisas maravilhosas que estão ocultas no tesouro do Santuário, coisas tais que vos deixariam admirados e fora de vós mesmos; poderíamos vos falar de coisas de cuja concepção, o filósofo, pensando o mais profundamente possível, está tão afastado como a terra do sol, e das quais estamos tão próximos, como o está o ser mais interior de todos da luz mais profunda.

Mas a nossa intenção não é de excitar vossa curiosidade; a única persuasão interior e a sede do bem dos nossos irmãos deve impelir aquele que é capaz de receber a luz na fonte, onde sua sede de sabedoria pode ser aplacada e a fome de amor saciada.

A sabedoria e o amor habitam no nosso íntimo, lá não reina nenhum constrangimento; a verdade de suas incitações é o nosso poder mágico.

Podemos assegurar que tesouros de um valor infinito estão nos mistérios mais íntimos; asseguramos, também que tal simplicidade os envolve, que permanecerão sempre inacessíveis ao sábio orgulhoso, e ainda que tais tesouros, cuja procura traz a muitos profanos inquietação e loucura, são e permanecerão para nós a verdadeira sabedoria.

Bênçãos para vós meus irmãos, se sentis estas grandes verdades. A recuperação do "Tríplice Verbo" e de sua força será vossa recompensa. Vossa felicidade será a de ter a força de contribuir a reconciliar os homens com os homens, a natureza e Deus; aquele que é o verdadeiro trabalho de todo obreiro que não rejeitou a "Pedra Angular".

Agora nós cumprimos nosso encargo e anunciamos a aproximação do grande meio-dia, e a reunião

do Santuário o mais interior com o Templo.

Deixamos o resto à vossa livre vontade.

Sabemos bem, para nosso amargo desgosto, que assim como o Salvador foi pessoalmente desconhecido, ridicularizado e perseguido quando veio na Sua humildade, assim Seu Espírito que aparecerá na glória, será rejeitado e ridicularizado por muitos. Apesar disto o advento do Seu Espírito deve ser anunciado nos templos, para que aquilo que está escrito se realize.

“Bati às vossas portas e vós não as abristes; Chamei e vós não escutastes Minha voz; convidai-vos para as bodas e estáveis ocupados com outras coisas”.

A Paz e a Luz do Espírito estejam convosco.

A Quarta Carta

Assim como a infinidade de números se perde em um número único que é a base de todos os números ou a unidade, e como os inumeráveis raios de um círculo se reúnem em um centro único, assim também, os mistérios, os hieróglifos e os infinitos emblemas, somente expressam uma única verdade. Aquele que a conhece encontrou a chave para conhecer tudo de um relance.

Não há mais que um Deus, uma verdade, um caminho que conduz a esta grande verdade. Aquele que encontrou este meio, possui:

Toda a sabedoria em um único livro.

Todas as forças em uma única força.

Todas as belezas em um único objeto.

Todas as riquezas em um único tesouro.

Todas as felicidades em um único bem.

E a soma de todas estas perfeições é Jesus Cristo que foi crucificado e ressuscitou.

Esta grande verdade assim expressada, é unicamente um objeto de fé, porém pode chegar a converter-se em um objeto de conhecimento e de experiência, tão pronto chegemos a compreender como Jesus Cristo pode ser ou pode converter-se em tudo isto.

Este grande mistério foi sempre objeto do ensinamento da "Escola Secreta da Igreja invisível e interior", e este ensinamento foi conhecido nos primeiros tempos do cristianismo com o nome de "Disciplina arcani". É desta escola secreta que procedem todos os ritos e cerimônias da Igreja exterior, embora o espírito destas grandes e simples verdades se retirasse para o interior, e pareça em nossos tempos como perdido para o exterior.

De há muito, já foi predito, caros irmãos, que tudo que está oculto será descoberto nos últimos tempos, porém, também se profetizou que, nesses tempos muitos falsos profetas se levantarão, e os fieis foram advertidos que não devem crer em todo espírito, mas comprovar se os espíritos são realmente de Deus. (Epístola de São João, cap. IV, vers. V, e seguintes).

O mesmo apóstolo ensina a maneira de fazer a prova, dizendo, "Eis aqui como reconhecereis o espírito que é de Deus; todo espírito que confessa a Jesus Cristo, dizendo que Ele veio em uma carne verdadeira, é de Deus, e todo espírito que O divide, isto é, que separa Nele o divino do humano, não é de Deus", daí que o espírito de verdade, suporta, assim, a prova e obtém o caráter da divindade quando confessa que Jesus Cristo veio da carne.

Creemos que Jesus Cristo veio na carne a este mundo e por isso o espírito de verdade fala por nós. Porém o mistério que se expressa dizendo que Jesus Cristo veio em carne é de uma grande extensão e encerra em si o conhecimento divino humano, objeto desta instrução.

Como não falamos com noviços em matéria de fé, vos será, caros irmãos, mais fácil conceber as verdades sublimes que vos vamos apresentar, visto que já tereis sem dúvida escolhido, muitas vezes, para objeto de vossas santas meditações, diferentes assuntos preparatórios.

A religião considerada cientificamente é a doutrina da transformação do homem separado de Deus,

em homem reunido a Deus. Por isso o seu objetivo é unir a cada indivíduo da humanidade, e finalmente a toda a humanidade com Deus, em cuja união, unicamente, pode alcançar a mais elevada felicidade temporal e espiritual.

Assim esta doutrina de "re-união" é de uma dignidade a mais sublime; e como doutrina, deve ter necessariamente um método pelo qual ela nos conduz: primeiramente ao conhecimento do verdadeiro desta reunião; e depois ao conhecimento da maneira pela qual este meio deve ser aplicado segundo o objetivo a alcançar.

Este grande meio da reunião no qual se concentra toda a doutrina religiosa, não teria sido conhecido jamais pelo homem sem revelação. Sempre esteve fora da esfera científica do conhecimento e esta mesma profunda ignorância do homem na qual havia caído, tornou necessária a revelação sem a qual não teríamos podido encontrar o caminho para levantarmos outra vez. A revelação, criou a necessidade da fé nela, porque aquele que não sabe, que não tem nenhuma experiência de uma coisa, deve primeiro, necessariamente crer, se quer saber e experimentar. Porque se decai a fé, não se faz caso da revelação e por isso mesmo fecha-se o caminho para encontrar o método que só a Revelação contém.

Como a ação e reação se relacionam reciprocamente na natureza, assim se relacionam a Revelação e a fé.

Onde não há reação, a ação cessa necessariamente; onde não há fé, nenhuma revelação pode ter lugar; porém quanto mais fé houver, mais revelação haverá ou desenvolvimento das verdades que estão na obscuridade, e que só podem se manifestar ao exterior por nossa confiança.

É muito certo, que todas as verdades secretas da religião, mesmo as mais obscuras e os mistérios que nos parecem mais singulares, se justificarão um dia perante o tribunal da razão mais rigorosa, porém a fraqueza do homem, nossa falta de penetração com relação ao conjunto da natureza sensível e espiritual, exigiram que não nos possam ser mostrados e abertos os arcanos das mais elevadas verdades, senão sucessiva e gradualmente. A santa obscuridade dos mistérios é devida a nossa fraqueza, e sua brilhante luz vai fortificando pouco a pouco nossa debilidade para tornar nossos olhos susceptíveis de resistir à plena luz.

A cada degrau que sobe o crente para a Revelação, obtém uma luz mais perfeita para alcançar o conhecimento, e esta luz se torna para ele progressivamente mais convincente, porque cada verdade adquirida da fé, se torna pouco a pouco vivente e passa a ser convicção.

Daí, a fé se funde sobre a nossa fraqueza e sobre a plena luz da Revelação que se deve comunicar segundo nossa capacidade, para dar-vos sucessivamente a objetividade das coisas elevadas.

Aqueles objetos pelos quais a razão humana não tem objetividade, são necessariamente do domínio da fé. O homem somente deve adorar e calar; mas se deseja demonstrar coisas sobre as quais não tem objetividade alguma, cai necessariamente no erro. O homem deve adorar e calar até que os objetos que se acham sob o domínio da fé, se tornem pouco a pouco mais perceptíveis em seu redor e por conseguinte mais fáceis de conhecer. Tudo se demonstra por si mesmo tão pronto adquirimos a experiência interior das verdades da fé, no mesmo instante em que somos conduzidos da fé à visão, quer dizer ao conhecimento objetivo.

Em todos os tempos houve homens iluminados por Deus que possuíam esta objetividade interior, completamente ou em parte, segundo tivesse lugar a comunicação das verdades a seu entendimento ou a seu sentimento. A primeira espécie de visão, puramente inteligível, chamava-se "iluminação divina". A segunda, recebia o nome de "inspiração divina". O sensorium interior foi aberto em

diversos até às visões divinas e transcendentais, que se chamavam enlevamentos ou êxtases, que dominava sobre o sensorium exterior e sensível.

Porém esta classe de homens foi sempre inexplicável e devia constituir um enigma indecifrável para os homens dos sentidos, porque lhes falta um órgão para o sobrenatural e o transcendental. Daí, não se deve estranhar de maneira alguma que se olhe a um homem que considerou mais de perto o mundo dos espíritos como um ser extravagante e até como um louco; por que o julgamento comum dos homens se limita simplesmente ao que os sentidos lhes fazem perceber, pelo que as escrituras dizem claramente: "o homem animal não concebe o que é do espírito", porque seu sentido espiritual não está aberto para o mundo transcendental, de maneira que ele não pode ter mais objetividade desse mundo que o cego tem das cores.

Portanto, o homem exterior dos sentidos perdeu o sentido interior que é o mais importante; ou melhor, a capacidade do desenvolvimento deste sentido, que está oculto nele, é negligenciada a tal ponto que ele mesmo não imagina a sua existência.

Assim os homens materiais estão em geral na cegueira espiritual; sua visão interior está fechada, e esta obscuridade é ainda uma consequência da queda do primeiro homem. A matéria corruptível que os envolve fechou sua visão interior e espiritual, e deste modo eles tornaram-se cegos para tudo que diz respeito aos mundos interiores.

O homem é duplamente miserável, não só leva uma venda sobre os olhos que lhe oculta o conhecimento das mais elevadas verdades, senão que também seu coração enlanguesce e se extenua nos liames da carne e do sangue, que o prendem aos prazeres animais e sensíveis, em detrimento de prazeres mais elevados e espirituais. É por isto que nós estarmos na escravidão da concupiscência, sob o domínio das paixões que nos tiranizam, e apoiamo-nos, como infelizes parálíticos, sobre duas miseráveis muletas, isto é, sobre a muleta de nossa razão natural e sobre a muleta de nosso sentimento natural. Aquela nos dá diariamente a aparência da verdade. Esta nos faz tomar diariamente o mal pelo bem. Eis nossa miserável condição.

Os homens não poderão alcançar a felicidade até que a venda, que impede o acesso à verdadeira luz, caia de seus olhos. Não poderão ser felizes senão quando os laços da escravidão que carregam seus corações se rompam. O cego deve poder ver, e o paralítico deve poder caminhar se desejam ser felizes. Mas a grande e terrível lei à qual a felicidade ou a dita dos homens está absolutamente unida é a lei seguinte: "Homem, que a razão reine sobre tuas paixões.

De há séculos que nos esforçamos reciprocamente em raciocinar e em fazer moral. Qual é o resultado de nossos esforços ao cabo de tantos séculos? Os cegos querem guiar aos cegos, e os parálíticos aos parálíticos. Porém em todas as loucuras a que nos ternos entregado, em todas as misérias que temos atraído sobre nós, não vemos ainda que não podemos nada individualmente e que necessitamos de uma potência mais elevada que nos retire da miséria.

Os preconceitos e os erros, os vícios e os crimes mudaram suas formas de século em século, mas, jamais foram extirpados da humanidade: a razão sem luz caminhava incerta, em cada século, no meio das trevas: o coração repleto de paixões e o mesmo em cada século.

Só há um que nos pode curar, um só que é capaz de abrir nosso olho interior para que vejamos a verdade. Não há senão um que pode tirar as cadeias que nos agrilhoam e nos tornam escravos da sensualidade.

Este "Um só", é Jesus Cristo, o Salvador dos homens, o Salvador porque nos quer arrancar a todas as consequências a que a cegueira de nossa razão e os extravios de nosso coração, cheio de paixões,

nos precipitam.

Muito poucos, caros irmãos, têm uma idéia exata da grandeza da redenção dos homens; muitos acreditam que Jesus Cristo, o Senhor, somente nos resgatou pelo seu sangue derramado, da condenação ou da eterna separação do homem de Deus, porém não crêem que, também quer libertar de todas as misérias daqui da terra aqueles que O sigam.

Jesus Cristo é o Salvador do mundo, é o, vencedor da miséria humana; resgatou-nos da morte e do pecado. Como seria tudo isto, se o mundo tivesse de enlanguescer sempre nas trevas da ignorância e nos liames das paixões? Já foi predito mui claramente pelos Profetas, que este tempo da redenção de seu povo, este primeiro Sábado do tempo chegaria. Faz muito tempo que devíamos ter reconhecido esta promessa cheia de consolo; mas a falta do verdadeiro conhecimento de Deus, do homem e da natureza, foi o impedimento que nos ocultou sempre estes grandes mistérios da fé.

Devemos saber, caros irmãos, que há uma natureza dupla, a natureza pura, espiritual, imortal e indestrutível, e a natureza impura, material, mortal e destrutível.

A natureza pura e indestrutível existia antes da natureza impura e destrutível. Esta última tirou sua origem somente da desarmonia e desproporção das substâncias que formam a natureza espiritual. Daí, que só permaneça até que as desproporções e as dissonâncias desapareçam e que tudo volte à harmonia.

A idéia incorreta de espírito e de matéria é uma das principais causas de que muitas verdades da fé, não se nos apresentem em sua verdadeira luz.

O espírito é uma substância, uma essência, uma realidade absoluta. Por isso, suas propriedades são a indestrutibilidade, a uniformidade, a penetração, a indivisibilidade e a continuidade.

A matéria não é uma substância, é um agregado. Por isso é destrutível, divisível e sujeita a mudanças. O mundo metafísico é um mundo existente na realidade, extremamente puro e indestrutível, e cujo centro chamamos Jesus Cristo, e a cujos habitantes conhecemos com o nome de espíritos e de anjos.

O mundo material e físico é o mundo dos fenômenos, não possui nenhuma verdade absoluta, tudo quanto chamamos verdade aqui, só é relativo, não é mais que a sombra da verdade e não a própria verdade, tudo é fenômeno.

Nossa razão capta aqui todas as suas idéias pelos sentidos, portanto, elas são sem vida, completamente mortas. Tiramos tudo da objetividade exterior, e nossa razão assemelha-se a um macaco que imita em si, mais ou menos, o que a natureza lhe apresenta. Assim, a simples luz dos sentidos é o princípio de nossa razão inferior, a sensualidade, a inclinação para necessidades animais, é o móbil de nossa vontade. Nós sentimos, é verdade, que um móbil mais elevado nos seria necessário; mas até agora não sabíamos buscá-lo nem podíamos encontrá-lo.

Aqui, onde tudo é corruptível, não podemos procurar nem o princípio da razão, nem o princípio da imoralidade, nem o móbil da vontade. Devemos buscá-lo num mundo mais elevado.

Lá onde tudo é puro, onde nada está sujeito a destruição, lá reina um Ser que é todo sabedoria e todo amor, e que pela luz de Sua sabedoria pode chegar a ser o verdadeiro princípio da razão, e pelo calor de Seu amor, o verdadeiro princípio de moralidade. Portanto, o mundo não será e não pode chegar a ser feliz senão quando este Ser real, que é ao mesmo tempo a sabedoria e o amor, seja recebido integralmente pela humanidade e chegue a ser nela tudo em todos.

O homem, caros irmãos, é composto da substância indestrutível, e metafísica, e da substância material e destrutível, de maneira que, aqui neste plano a matéria destrutível tem como que aprisionada a substância indestrutível e eterna. Duas naturezas contraditórias estão contidas no homem. A substância destrutível nos sujeita sempre ao sensível; a substância indestrutível procura libertar-se das cadeias e busca a sublimidade do espírito. Daí deriva o combate contínuo entre o bem e o mal; o bem quer sempre absolutamente a razão e a moralidade; o mal conduz continuamente ao erro e à paixão.

O homem encontra-se num combate contínuo entre o bem e o mal, entre o verdadeiro e o falso; triunfa e é vencido; tão pronto se levanta como cai nos abismos; procura levantar-se e vacila de novo.

Deve-se buscar a causa fundamental da corrupção humana na matéria corruptível de que estão formados os homens. Esta matéria grosseira oprime e dificulta em nós a ação do princípio espiritual, e esta é a verdadeira causa da cegueira de nosso entendimento e dos erros de nosso coração.

Deve-se procurar a fragilidade de um vaso na matéria de que o vaso é formado. A forma mais bela possível que a terra é capaz de receber, sempre resulta frágil porque a matéria de que está formada é perecedora.

Por isso, é que nossa pobre humanidade não deixa nunca de ser frágil, apesar de toda nossa cultura exterior.

Quando examinamos as causas dos impedimentos que mantêm a natureza humana em uma degradação tão profunda, se encontram todas na matéria grosseira, na qual sua parte espiritual está submersa.

A inflexibilidade das fibras, a imobilidade dos humores que desejam obedecer às excitações refinadas do espírito, são como as cadeias materiais que o amarram, e impedem em nós as funções sublimes das quais ele seria capaz.

Os nervos e a fluidez de nosso cérebro somente nos proporcionam idéias grosseiras e obscuras que se derivam dos fenômenos e não da verdade; e como não podemos no interior de nossa potência pensante opor para equilibrar representações bastante vigorosas à excitação violenta das sensações exteriores, resulta que sempre somos arrastados pela paixão; e a voz da razão, que fala suavemente em nosso interior, é apagada pelo ruído tumultuoso dos elementos que sustentam nossa máquina.

Os materiais grosseiros que constituem o homem material e que formam a estrutura do edifício inteiro de sua natureza, é a causa deste desfalecimento que tem as forças da nossa alma em sua fraqueza e imperfeição contínuas.

A paralisia de nossa força pensante, em geral, é uma conseqüência da dependência em que nos tem a, matéria grosseira e inflexível; matéria que forma os verdadeiros liames da carne, e as verdadeiras fontes de todos os erros e mesmo do vício.

A razão que deve ser legisladora absoluta, é uma perpetua escrava da sensualidade. Esta se erige em regente e serve-se da razão que enlanguece em seus laços e presta-se a seus desejos.

Esta verdade tem-se sentido de há muito; sempre se tem pregado com, palavras... A razão deve ser a legisladora absoluta... Ela deve governar a vontade e- não ser governada por ela...

Os grandes e os pequenos sentiam esta verdade; porém tão pronto se punham à prática, a vontade animal subjugava logo a razão, e em seguida a razão subjugava por algum tempo a vontade animal, e

é por isso que, em cada homem, a vitória é a derrota entre as trevas e a luz eram alternativas, e este mesmo poder e contra-poder recíprocos são a causa da oscilação perpétua entre o bem e o mal, entre o falso é o verdadeiro.

Se a humanidade deve ser conduzida à verdade e ao bem para que obre de acordo com as leis da razão e segundo as indicações puras da vontade, é imediatamente necessário dar à razão pura a soberania, sobre a humanidade. Mas, como pode isto acontecer quando a matéria da qual cada homem é formado, é mais ou menos disforme, bruta, divisível e corruptível, e está constituída de tal maneira, que toda nossa miséria, dor, doença, pobreza, morte, necessidade, prejuízos, erros e vícios, dependem dela, e são as conseqüências necessárias da limitação do espírito imortal em seus liames.

Não é a sensualidade que impera quando a razão está agrilhoadada? E não se encontra ela aprisionada quando o coração impuro e frágil expulsa de todos os lados seu raio puro?

Sim, amigos e irmãos, aí está a causa de toda a miséria dos homens; e, como esta corrupção se propaga de homens a homens, pode ser chamada, com razão, sua corrupção hereditária.

Observamos em geral que as forças da razão não atuam sobre o coração senão com relação à constituição específica da matéria de que o homem está formado. Assim é extremamente admirável quando pensamos que o Sol vivifica esta matéria animal segundo a medida de sua distância deste corpo terrestre, que a torna tão apta para as funções da economia animal, como para desfrutar em um grau mais ou menos elevado da influência espiritual.

A diversidade dos povos, suas particularidades em relação ao clima, a multiplicidade de seus caracteres e de suas paixões, seus costumes, seus preconceitos e usos, ou mesmo suas virtudes e seus vícios dependem unicamente da constituição específica da matéria de que estão formados, e na que o espírito aprisionado obra de maneira diferente. Sua capacidade de cultura se modifica segundo esta constituição, e de acordo com ela se rege também a ciência, que não modifica cada povo senão enquanto tem matéria pensante, susceptível de ser modificada, no que consiste a capacidade de cultura própria de um povo, que por sua vez, depende em parte da geração e em parte do clima.

Em geral encontramos por toda parte o mesmo homem fraco e sensual, que só tem de bem em cada região, aquilo que a sua matéria sensível permite à sua razão de predominar sobre a sensualidade, e de mal na mesma proporção que a sensualidade pode ter de predominância sobre o espírito mais ou menos aprisionado. Aí residem o bem e o mal de cada nação como o de cada indivíduo isolado.

Encontramos no mundo inteiro esta corrupção inerente à matéria da qual os homens são formados. Por toda parte existe a miséria, a dor, a doença e a morte; por toda parte existem as necessidades, os preconceitos, as paixões e os vícios, somente sob outras formas e modificações.

Do estado mais inferior da natureza selvagem, o homem entra na vida social, primeiro pelas necessidades; a força e a astúcia, faculdades principais do animal, o acompanham e se desenvolvem, sob outros aspectos.

As modificações destas tendências animais fundamentais são inumeráveis; e o mais alto grau de cultura humana que até o presente o mundo adquiriu, não conseguiu senão colorir com uma capa mui tênue estas inclinações fundamentais do homem animal. Isto quer dizer que nos temos elevado do estado animal bruto até o mais alto grau do animal refinado.

Mas este período era necessário; porque com sua duração começa um novo período, ou seja, após as necessidades animais desenvolvidas, começa o desenvolvimento da necessidade mais elevada da luz

e da razão.

Jesus Cristo nos gravou no coração, com mui belas palavras esta grande verdade, de que se deve buscar na matéria a causa da miséria dos homens mortais e frágeis pela ignorância e as paixões. Quando Ele disse: "o melhor homem, aquele que mais se esforça para chegar à verdade, peca sete vezes por dia", queria dizer com isto, que no homem mais bem organizado, as sete forças do espírito estão ainda tão fechadas, que as sete ações da sensualidade o dominam cada dia segundo seu modo.

Assim é que, o melhor homem está exposto aos erros e às paixões. O melhor homem é fraco e pecador; o melhor homem não é livre, não está isento da dor e da miséria; o melhor homem está sujeito à doença e à morte; e porque tudo isto? Porque tudo são conseqüências necessárias, das propriedades de uma matéria corruptível, da qual ele é formado.

Assim sendo, não pode haver aí esperança de unia felicidade mais elevada para a humanidade, enquanto este ser corruptível e material forma a principal parte substancial de sua essência. A impossibilidade em que se encontra a humanidade de se poder lançar por si mesma à verdadeira perfeição é uma constatação cheia de desespero; mas, ao mesmo tempo, este pensamento é a causa, plena de consolação, pela qual um ser mais elevado e mais perfeito se cobriu deste invólucro mortal e frágil, afim de tornar imortal, o que era mortal e indestrutível o que era destrutível, e nisto deve-se procurar também a verdadeira causa da encarnação de Jesus Cristo.

Jesus Cristo, é o ungido da Luz, é o esplendor de Deus, a Sabedoria que havia saído de Deus, o Filho de Deus, o Verbo real pelo qual tudo foi feito e que era no princípio. Jesus Cristo, a Sabedoria de Deus que opera todas as coisas, era como o centro do Paraíso do mundo da luz, era o único órgão real pelo qual a força divina podia comunicar-se; e este órgão é a natureza imortal e pura, a substância, indestrutível que tudo vivifica e conduz à mais alta perfeição e felicidade. Esta substância indestrutível é "o elemento puro" no qual vivia o homem espiritual.

Deste elemento puro no qual só Deus habitava, e de cuja substância foi criado o primeiro homem, este separou-se pela queda. Pelo gozo do fruto da árvore do bem e do mal, envenenou-se de tal sorte, que seu ser imortal se retirou para o seu interior e o mortal cobriu o exterior.

Desta forma desapareceu a imortalidade, a felicidade e a vida; e a mortalidade, a infelicidade e a morte foram as conseqüências desta mudança.

Muitos homens não podem fazer uma idéia da Árvore do Bem e do Mal; esta árvore era o produto da matéria caótica, que ainda estava no centro e na qual a destrutibilidade ainda tinha a superioridade sobre a indestrutibilidade. O gozo demasiado prematuro deste fruto que envenena e rouba a imortalidade, colocou Adão nesta forma material sujeito à morte. Caiu, entre os elementos que ele anteriormente governava.

Este acontecimento infeliz foi a causa de que a imortal Sabedoria, o elemento puro e metafísico, se cobrisse com o invólucro mortal e se sacrificou voluntariamente para que suas forças interiores passassem ao centro da destruição e pudesse conduzir pouco a pouco, tudo o que é mortal à imortalidade.

Assim como aconteceu de um modo inteiramente natural, que o homem natural se tornou mortal pelo gozo de um fruto mortal, do mesmo modo aconteceu naturalmente, que o homem mortal pudesse recobrar a sua dignidade precedente pelo gozo de um fruto imortal.

Tudo se passa de um modo natural e simples no Reino de Deus; mas para reconhecer esta simplicidade, é necessário ter idéias puras de Deus, da natureza e do homem; e se as verdades mais

sublimes da fé estão ainda para nós envoltas em impenetráveis trevas, a causa está em que até agora havíamos separado sempre as idéias de Deus, da natureza e do homem.

Jesus Cristo falou com seus amigos mais íntimos, quando ainda estava sobre a terra, do grande mistério da Regeneração; porém tudo quanto dizia era obscuro para eles, não podiam concebê-lo ainda; assim, o desenvolvimento destas grandes verdades estava reservado para os últimos tempos; é o supremo mistério da religião na qual todos os mistérios entram como em sua unidade.

A Regeneração não é outra coisa senão uma dissolução e um desprendimento desta matéria impura e corruptível que tem aprisionado nosso ser imortal, e guarda submersa em um sono de morte a vida das forças ativas oprimidas. Deve existir necessariamente um meio real para eliminar este elemento venenoso que ocasiona em nós a infelicidade e para libertar as forças aprisionadas.

Mas não se deve procurar este meio em nenhuma ,outra parte a não ser na religião; porque como a religião considerada cientificamente, é a doutrina da reunião com Deus, deve também necessariamente ensinar-nos a reconhecer o meio para chegar a esta reunião. Acaso Jesus e Seu conhecimento vivificante não são o objeto principal da Bíblia e o conteúdo de todos os desejos, de todas as esperanças e de todos os anelos do cristão? Não recebemos de Nosso Senhor e Mestre, durante todo o tempo que andou entre seus discípulos, as mais elevadas soluções sobre as mais ocultas verdades? E quando o Divino Mestre, estava com eles, em seu corpo glorioso, após sua ressurreição, não lhes deu a mais alta revelação referente à Sua pessoa, e não os conduziu mais profundamente ao conhecimento da verdade?

Não realizaria o que disse em sua prece sacerdotal? São João, 17, 22, 23: "Eu lhes dei e comuniquei a glória que vós me destes, afim de que eles sejam um, como nós somos um neles, e eles comigo, a fim de que sejam perfeitos em um".

Como os discípulos do Senhor não podiam conceber o grande mistério da nova e última Aliança, Jesus Cristo lhes transmitiu aos últimos tempos vindouros que presentemente se aproximam, e disse: "Naquele dia em que Eu vos comunicarei Minha glória, vós reconheceréis que Eu estou em Meu Pai, vós em Mim, e Eu em vós". Esta aliança é chamada a Aliança da Paz. E' então que a lei de Deus será gravada no mais recôndito de nosso coração, reconheceremos todos o Senhor, seremos Seu povo e Ele será nosso Deus.

Tudo já está preparado para esta possessão atual de Deus, para esta união real com Deus, e já possível aqui em baixo; e o elemento santo, a verdadeira medicina para a humanidade é revelada pelo Espírito de Deus.

A mesa do Senhor está servida, e todos estão convidados; o verdadeiro pão dos Anjos está preparado, como está escrito: "Vos lhe haveis dado o pão do céu".

A santidade e a grandeza do mistério que encerra em si todos os mistérios, nos ordena aqui calar, e não nos está permitido senão de fazer menção de seus efeitos.

O corruptível, o destrutível é consumado em nós e coberto como incorruptível e o indestrutível. O sensorium interior se abre e nos une com o mundo espiritual. Somos iluminados pela sabedoria, conduzidos pela verdade, alimentados pela tocha do amor. Forças desconhecidas se desenvolvem em nós para vencer o mundo, a carne e Satanás. Todo nosso ser é, renovado, e tornado capaz de converter-se em uma morada real do Espírito de Deus. O domínio sobre a natureza, a relação com os mundos superiores e o gozo e contato visível com o Senhor nos são concedidos.

A venda da ignorância cai de nossos olhos, os laços da sensualidade se rompem, e desfrutamos a

liberdade dos filhos de Deus.

Nós vos dissemos o mais elevado e o mais importante; se vosso coração, que tem sede de verdade, concebeu idéias puras sobre tudo isto e compreendeu plenamente a grandeza e a santidade da meta a atingir, nós vos diremos ainda mais.

Que a glória do Senhor e a renovação de todo vosso ser sejam, entretentes, a mais alta de vossas esperanças!

A Quinta Carta

Chamamos vossa atenção, caros irmãos, nas cartas anteriores, para o mais alto de todos os mistérios, "a possessão real de Deus"; é necessário que vos comuniquemos, agora, a plenitude sobre este objeto.

O homem, caros irmãos, é infeliz aqui em baixo, porque é formado de uma matéria destrutível e sujeita a todas as misérias.

O indivíduo frágil que é o corpo, o expõe à violência dos elementos; à dor, à pobreza, ao sofrimento, à doença, eis sua sorte.

O homem é infeliz, porque seu espírito imortal se consome nos laços dos sentidos; a luz divina está eclipsada para ele; unicamente, ao resplendor chispante de sua razão sensorial, caminha vacilante pelas vias de sua peregrinação; torturado pelas paixões, extraviado pelos preconceitos, e alimentado pelos erros, submerge-se de um para outro abismo de miséria. O homem é infeliz, porque está doente de corpo e de alma, e não possui nenhuma verdadeira medicina, nem para sua alma nem para seu corpo.

Aqueles que deveriam conduzir os outros homens, guiá-los à felicidade e governá-los, são homens como os outros, também frágeis e sujeitos às mesmas paixões, e igualmente expostos a muitos preconceitos.

Assim, que felicidade pode esperar a humanidade? A maior parte será sempre infeliz? Não há salvação para todos?

Meus irmãos, se a humanidade jamais é capaz de se elevar a um estado feliz, a felicidade que deseja adquirir só será possível nas condições seguintes.

Primeiro; a pobreza, a dor, a doença e a miséria devem tornar-se mais raras.

Segundo; as paixões, os preconceitos e os erros devem diminuir.

Acaso é isto possível considerando a corrupção da natureza humana, quando a experiência nos tem provado de século em século, que a miséria não faz senão mudar em uma outra forma de miséria; que as paixões, os preconceitos e os erros ocasionam sempre o mesmo mal; quando pensamos que todas estas coisas não fizeram senão mudar de forma, e que os homens, em cada século, foram igualmente frágeis?

Há unia sentença terrível pronunciada sobre a espécie humana, e esta sentença é "Os homens não podem alcançar a felicidade enquanto não forem sábios". Mas não se tornarão sábios, enquanto a sensualidade dominar sobre a razão, enquanto o espírito desfaleça nos laços da carne e do sangue.

Onde está o homem isento de paixões? Que se mostre! - Não carregamos todos em maior ou menor grau as algemas da sensualidade? Não somos todos escravos? Todos pecadores?

Sim irmãos, confessamos que somos escravos do pecado.

Este sentimento de nossa miséria excita em nós o desejo de redenção; voltamos nossa vista para o alto, e a voz de um anjo nos anuncia: "A miséria do homem será retirada".

Os homens estão doentes do corpo e do espírito. Portanto, esta doença geral deve ter uma causa, e a

causa está na matéria frágil de que está composto o homem.

O destrutível encerra o indestrutível; a luz da sabedoria está encerrada nas profundezas da obscuridade; o "fermento do pecado" está em nós, e neste fermento reside a corrupção humana, e sua propagação com as conseqüências do pecado original.

A cura da humanidade só é possível destruindo em nós o fermento do pecado, para o que é necessário um médico e um remédio.

Mas o enfermo não pode ser curado pelo enfermo; o destrutível não pode conduzir o destrutível à perfeição; o que é morto não pode ressuscitar o que está morto; o cego não pode guiar a outro cego. Só o perfeito pode conduzir o imperfeito à perfeição; só o Indestrutível pode tornar o destrutível indestrutível; só o que está vivo pode animar o que está morto.

Por isso, não se deve procurar o médico e o meio de cura na natureza destrutível, onde tudo é morte e corrupção. Deve-se procurar o Médico e o remédio em uma natureza, onde tudo é perfeição e vida.

A falta de conhecimento da aliança da Divindade com a natureza, e da natureza com o homem, é a verdadeira causa de todos os preconceitos e de todos os erros.

Os teólogos, os filósofos e os moralistas, quiseram governar o mundo e encheram-no de eternas contradições.

Os teólogos não conheceram as, relações de Deus com a natureza, e por isso Caíram no erro.

Os filósofos somente estudaram a matéria e não a aliança da natureza pura com a natureza divina, e por isso, manifestaram as mais falsas opiniões.

Os moralistas não conheceram a corrupção fundamental da natureza humana, e quiseram curar com palavras, quando outros meios eram necessários.

Assim é que o mundo, o homem e até Deus, foram entregues a eternas disputas, as opiniões destruíam as opiniões, a superstição e a incredulidade dominaram alternativamente e afastaram do mundo a verdade, em vez de aproximarem-se dela.

Somente nas Escolas de Sabedoria se aprendeu a conhecer a Deus, a natureza e o homem, e se trabalhava desde milhares de anos no silêncio para adquirir o mais alto grau do conhecimento, a união do homem com a natureza pura e com Deus.

Esta grande finalidade de Deus e da natureza, à qual tudo tende, foi representada ao homem simbolicamente por todas as religiões; e todos os monumentos e hieróglifos sagrados, eram simples letras pelas quais, o homem podia reencontrar pouco a pouco o maior de todos os mistérios divinos, naturais e humanos; a saber. o meio de cura para seu estado atual e miserável, o meio de união de seu ser com a natureza pura e com Deus.

Alcançamos esta época sob a guia de Deus. A Divindade, lembrando sua aliança com o homem, deu-nos o meio de cura da humanidade enferma, e mostrou os caminhos para elevar o homem à dignidade de sua natureza pura, e uni-lo com Ele, origem de sua felicidade.

O conhecimento deste meio de cura é a ciência dos santos e dos eleitos; e sua possessão, a herança prometida aos filhos de Deus.

Tende a bondade, irmãos amados, de nos prestar toda vossa atenção.

Em nosso sangue, há uma matéria viscosa (chamada glúten) oculta, que tem um parentesco mais próximo com a animalidade de que com o espírito. Este "glúten" é a "matéria do pecado".

Esta matéria pode ser modificada diferentemente por excitações sensíveis; e segundo a espécie de modificação desta matéria do pecado, se distinguem as más inclinações ao pecado.

No seu mais alto grau de expansão, esta matéria opera a presunção, o orgulho; em seu mais alto grau de contração, a avareza, o amor próprio, o egoísmo.

No estado de repulsão, a raiva, a cólera; no movimento circular, a ligeireza, a incontinência.

Em sua excentricidade, a gula, a embriaguez;

Em sua concetricidade, a inveja;

Em sua essencialidade, a preguiça.

Este fermento do pecado é mais ou menos abundante em cada homem, e transmitido pelos pais aos filhos; e sua propagação em nós impede sempre a ação simultânea do espírito sobre a matéria.

É verdade que o homem pode colocar, por sua vontade, limites a esta matéria do pecado, dominá-la para que se torne menos predominante nele; mas não está em seu poder aniquilá-la completamente. Daí deriva o combate contínuo do bem e do mal em nós.

Esta matéria do pecado está em nós, forma os laços da carne e do sangue, pelos quais somos ligados a nosso espírito imortal, e do outro às excitações animais.

Ela é como uma atração pela qual as paixões animais se prendem em nós.

A reação violenta desta matéria do pecado em nós, que nos induz à excitação sensual, é a causa pela qual, por defeito de julgamento justo e tranqüilo, escolhemos de preferência o mal ao bem, porque a fermentação desta matéria, origem das paixões, impede a atividade calma do espírito, condição de um julgamento são.

Esta mesma substância do pecado é também a causa da ignorância, porque assim como sua trama espessa e inflexível sobrecarrega as fibras delicadas de nosso cérebro, ela impede, também a ação simultânea da razão, que é necessária à penetração dos objetos do entendimento.

Assim, o falso e o mal são as propriedades desta matéria do pecado em nós, como o bem e o verdadeiro são os atributos de nosso princípio espiritual.

Pelo conhecimento aprofundado desta matéria do pecado, aprendemos a ver o quanto somos moralmente doentes, e até que ponto temos necessidade de um médico que nos administre o remédio capaz de aniquilar dita matéria e de nos conduzir à saúde moral.

Aprendemos igualmente a ver que todas nossas maneiras de moralizar com palavras servem pouco, lá onde os meios reais são necessários.

Desde há séculos que se moraliza, e o mundo é sempre o mesmo. O doente não entrará em convalescença se o médico não faz mais que moralizar junto a seu leito. É necessário que lhe prescreva remédios ; mas antes deve-se conhecer o estado real do doente.

ESTADO DE DOENÇA DA HUMANIDADE

O estado de doença dos homens é um verdadeiro envenenamento, o homem comeu do fruto da árvore na qual o princípio corruptível e material predominava, e envenenou-se por este gozo.

O primeiro efeito deste veneno foi que o princípio incorruptível, que se poderia chamar o corpo de vida, como a matéria do pecado é o corpo de morte, cuja expansão constituía a perfeição de Adão, se concentrou no interior e abandonou o exterior ao domínio dos elementos. Deste modo a matéria mortal cobriu logo a essência imortal, e as conseqüências naturais da perda da luz foram a ignorância, as paixões, a dor, a miséria e a morte.

A comunicação com o mundo da luz foi interceptada, a visão interior que via por toda parte a verdade, se fechou, e a visão material se abriu ao aspecto inconstante dos fenômenos.

O homem perdeu toda sua felicidade; e, neste estado miserável, se teria perdido para sempre, sem meios de salvação. Mas o amor e misericórdia infinitos de Deus, que nunca teve outro objeto na criação que a mais alta felicidade das criaturas, deu imediatamente após a queda, ao homem degradado, os meios de salvação que haveria de esperar com toda sua posteridade a fim de que sendo fortificado pela esperança em seu desterro, pudesse suportar com humildade e resignação a sua desgraça, e conservar em sua peregrinação o grande consolo de que tudo o que ele tinha corrompido recobriria sua primitiva perfeição pelo amor de um Salvador.

Sem esta revelação, o destino do homem teria sido a desesperação.

O homem antes da queda era o Templo vivo da Divindade, e no momento em que este Templo foi devastado, o plano para reconstruí-lo foi projetado pela Sabedoria de Deus, e desta época datam os Mistérios Sagrados de todas as religiões, que não são em si mesmos, sob mil aspectos diferentes, adaptados à circunstâncias dos diversos povos, mais que símbolos repetidos e deformados, de uma verdade única, que é: "a Regeneração do homem, ou sua reunião com Deus".

Antes da queda o homem era bom, estava unido à Sabedoria; após a queda, foi separado dela. E é por isso que a Revelação se fez necessária, para colocá-lo em condições de se unir a ela novamente. Esta primeira revelação era a seguinte:

O estado de imortalidade consiste em que o imortal penetre o mortal.

O imortal é uma substância divina que é a magnificência de Deus na natureza, o substratum do mundo dos espíritos, a infinidade divina na qual tudo é vida e movimento.

E' uma lei absoluta a de que nenhuma criatura pode ser verdadeiramente feliz fora da fonte de toda felicidade. Esta fonte é a magnificência de Deus mesmo.

Pela assimilação de um elemento perecível, o homem tornou-se ele próprio perecível e imaterial; a matéria encontra-se por assim dizer entre Deus e ele; o homem não é mais penetrado imediatamente pela Divindade, e por isso, está sujeito às leis da matéria.

O divino nele, que está encerrado nos laços da matéria, é seu princípio imortal; este princípio deve ser posto em liberdade, desenvolver-se novamente nele a fim de governar o mortal. Então o homem se reencontrará em sua dignidade primitiva.

Mas é necessário um meio para sua cura, e para eliminar o mal interno. O homem caído não pode nem reconhecer este meio por si mesmo, nem apossar-se dele. Não pode reconhecê-lo, porque perdeu o conhecimento puro, a luz da sabedoria; e não pode apossar-se dele, porque este meio está encerrado no mais interior da natureza; e ele não tem nem o poder nem a força para abrir este interior.

Daí serem necessárias a Revelação para conhecer este meio, e a força para adquiri-lo.

Esta necessidade para a recuperação da salvação dos homens, determinou a Sabedoria ou o Filho de Deus dar-se a conhecer ao homem, como sendo a "substância pura da qual tudo foi feito". A esta substância pura está reservado vivificar tudo que está morto, e purificar tudo o que é impuro.

Mas para que isso se realizasse e que o mais interior, o divino no homem, encerrado no invólucro da mortalidade, fosse aberto novamente, e que o mundo inteiro pudesse ser regenerado, era necessário que esta substância divina se humanizasse, e transmitisse a força divina e regeneradora ao humano; era necessário também que esta forma divino-humana fosse morta, a fim de que a substância divina e incorruptível contida em seu sangue pudesse penetrar no mais interior da terra e operar uma dissolução progressiva da matéria corruptível; para que, em seu devido tempo, a terra pura e regenerada possa ser recuperada pelo homem e nela seja plantada a Árvore da Vida; porque pelo gozo de seu fruto que encerra em si o princípio imortal, o mortal em nós será aniquilado e o homem será curado pelo fruto da Árvore da Vida, assim como ele foi envenenado pelo gozo do fruto do princípio mortífero.

Isto constitui a primeira e a mais importante revelação sobre a qual se fundam todas as outras e que foi sempre conservada e transmitida oralmente entre os Eleitos de Deus até nossos dias.

A natureza humana necessitava de um Redentor; este Redentor foi Jesus Cristo, a Sabedoria de Deus, a Realidade emanada de Deus; Revestiu-se de humanidade a fim de introduzir, novamente, no mundo a substância divina e imortal, que não era outra senão Ele mesmo.

Ele próprio se ofereceu voluntariamente, a fim de que as forças puras contidas em Seu Sangue pudessem penetrar diretamente as mais íntimas profundezas da natureza terrestre e reintroduzir nela o germe de todas as perfeições.

Ele, como Sumo Sacerdote e Vítima ao mesmo tempo, entrou no Santo dos Santos e, depois de haver realizado tudo o que era necessário, colocou os fundamentos do Sacerdócio Real de Seus Eleitos e ensinou-lhes, pelo conhecimento de Sua Pessoa e de Seus Poderes, de que maneira deviam conduzir, como sendo os primeiros nascidos do Espírito, os outros homens, seus irmãos, à felicidade geral.

E, aqui, começam os Mistérios Sacerdotais dos Eleitos e da Igreja Interior.

A verdadeira "Ciência Real e Sacerdotal" é a ciência da regeneração, ou a da reunião do homem caído com Deus.

Ela é chamada "ciência real" porque conduz o homem ao poder e domínio sobre toda a natureza.

E' chamada "Ciência sacerdotal", porque santifica tudo, leva tudo à perfeição, espalhando por toda parte a Graça e a bênção.

Esta ciência tem sua origem imediata da "Revelação verbal de Deus"; foi sempre a ciência da Igreja interior dos profetas e dos santos, e jamais reconheceu outro Sumo Sacerdote que Jesus Cristo, o Senhor.

Esta ciência tinha por tríplice finalidade regenerar sucessivamente, primeiro o homem isolado, a seguir, numerosos homens, e por fim, a toda a humanidade.

Sua prática consistia no mais alto aperfeiçoamento de si mesmo e de todos os objetos da natureza.

Esta ciência não foi ensinada por ninguém mais que pelo Espírito de Deus mesmo, e pelos que

estavam em união com este Espírito, e distinguiu-se de todas as outras ciências porque ensinava o conhecimento de Deus, da natureza e do homem em sua síntese perfeita, enquanto que as ciências exteriores não conhecem nem Deus, nem a natureza, nem o homem o seu destino, com exatidão.

Ela ensinou ao homem a distinguir a natureza pura e incorruptível da natureza impura e corrupta, e mostrou-lhe os meios de separar esta última para recuperar a primeira.

Em unia palavra; seu conteúdo era o conhecimento de Deus no homem, e da expressão divina na natureza, constituindo o selo da Divindade, e dando-nos os meios de abrir nosso interior para alcançar a união com o divino.

Esta reunião, esta regeneração, era o fim mais elevado, e foi daí que o Sacerdócio tirou seu nome: "religio, clerus regenerans".

Melchitsedek foi o primeiro Sacerdote Rei; todos os verdadeiros sacerdotes de Deus e da natureza descendem dele, e Jesus Cristo em Pessoa se juntou a ele, como sacerdote segundo a ordem de Melchitsedk.

Este nome já é literalmente da mais alta e da mais vasta significação.

(Melchi-Tsedek) significa literalmente "o instrutor na verdadeira substância da vida e na separação desta verdadeira substância da vida com o invólucro destrutível que a encerra".

Um sacerdote é um separador da natureza pura da impura, um separador da substância que contém tudo, da matéria destrutível que ocasiona a dor e a miséria. O sacrifício, ou o que foi separado, consiste no pão e no vinho.

"Pão" quer dizer literalmente a substância que "contém tudo", e "vinho" a "substância que vivifica tudo".

Assim, um sacerdote segundo a ordem de Melchitsedek é aquele que sabe separar a substância que contém tudo e vivifica tudo, da matéria impura; e que sabe empregá-la como um verdadeiro meio de reconciliação e de união para a humanidade caída, a fim de comunicar-lhe a verdadeira dignidade real ou o poder sobre a natureza, e a dignidade sacerdotal ou o poder de se unir pela Graça, aos mundos superiores.

Nestas poucas palavras está contido todo o mistério do Sacerdócio de Deus, a ocupação que é a finalidade do sacerdote.

Mas este Sacerdócio real não podia adquirir sua maturidade perfeita, senão quando Jesus Cristo em Pessoa, como Sumo Sacerdote, tivesse realizado o maior de todos os sacrifícios e entrado no santuário mais interior.

Aqui abrem-se novos e grandes mistérios dignos de toda vossa atenção.

Quando, segundo os decretos eternos da Sabedoria e da justiça de Deus, foi resolvido salvar a espécie humana caída, a sabedoria de Deus teve de escolher o meio que era, sob todas as relações, o mais eficaz para a consumação deste elevado objeto.

Quando o homem pelo gozo de um fruto corruptível, que continha o fermento da morte, foi envenenado de tal maneira que tudo o que estava ao seu redor se tornou mortal e destrutível, a misericórdia divina devia necessariamente estabelecer um contraveneno que- pudesse ser absorvido do mesmo modo, e que contivesse em si a substância que encerra e vivifica tudo, a fim de que, pelo

gozo deste alimento imortal, o homem envenenado e sujeito à morte pudesse ser curado e libertado de sua miséria. Mas para que esta árvore de vida pudesse ser plantada novamente aqui em baixo, era necessário antes de tudo que o princípio material e corruptível que está no centro da terra, fosse primeiro regenerado, transformado e tornado capaz de ser um dia uma substância que vivificasse tudo.

Esta capacidade para uma nova vida, e a dissolução da própria essência corruptiva, que se encontrava no centro da terra, não eram possíveis senão quando a substância divina da vida se envolvesse de carne e de sangue, para transmitir as forças ocultas da vida à natureza morta. Isto se fez pela morte de Jesus Cristo.

A "força tinctorial", que se despreendeu de Seu Sangue derramado, penetrou o mais interior da terra, ressuscitou os mortos, quebrou os rochedos, e ocasionou o eclipse total do sol, quando ela expulsou do centro de terra na qual a luz penetrou, todas as partes das trevas para a circunferência, e lá colocou a base da glorificação futura do inundo.

Desde a época da morte de Jesus Cristo, a força divina levada ao centro da terra por Seu sangue derramado, trabalhava sempre para exteriorizar e tornar todas as substâncias gradualmente capazes da grande desordem que está reservada ao mundo.

Mas a regeneração do edifício do mundo em geral não será a única finalidade da Redenção. O homem era o objeto principal que Lhe fez derramar Seu Sangue, e para Proporcionar-lhe desde já, neste mundo material, a mais alta perfeição possível pela melhoria de seu ser, Jesus Cristo Se prontificou a suportar sofrimentos infindos.

Ele é o Salvador do mundo, Ele é o Salvador dos homens. O objeto, a causa de Sua encarnação era resgatar-nos do pecado, da miséria e da morte.

Jesus Cristo livrou-nos de todo mal por Sua carne que sacrificou, e por Seu Sangue que derramou por nós.

NA CLARA COMPREENSÃO DA CARNE E DO SANGUE DE JESUS CRISTO, RESIDE O VERDADEIRO E PURO CONHECIMENTO DA REGENERAÇÃO EFETIVA DO HOMEM.

O MISTÉRIO DA UNIÃO COM JESUS CRISTO, NÃO SÓ ESPIRITUALMENTE, MAS TAMBÉM CORPORALMENTE, É O MISTÉRIO SUPREMO DA IGREJA INTERIOR.

Chegar a ser UNO com Ele, em espírito e em verdade, tal é a suprema realização que esperam Seus Eleitos.

Os meios desta possessão real de Deus estão ocultos aos sábios deste mundo, e revelados à simplicidade das crianças.

Ó filosofia orgulhosa, prosterna-te diante dos grandes e divinos mistérios inacessíveis à tua sabedoria e sem medida comum com as pálidas luzes da razão humana!

A Sexta Carta

Deus se fez homem para divinizar o homem. O céu se unirá com a terra para transformar a terra em um céu.

Mas, para que esta divinização e esta transformação da terra em Céu possa realizar-se, a mudança, a conversão de nosso ser é necessária.

Esta mudança, esta conversão, é chamada "renascimento".

Nascer quer dizer entrar em um mundo no qual domina a sensualidade, onde a sabedoria e o amor esmorecem nos laços da individualidade.

Renascer quer dizer retornar a um mundo onde o espírito da sabedoria e do amor domina e onde o homem animal obedece.

O renascimento é tríplice: primeiramente o renascimento de nossa razão; depois, o renascimento de nosso coração ou de nossa vontade;

E finalmente o renascimento de todo nosso ser.

A primeira e segunda espécies de renascimento são o renascimento espiritual. A terceira espécie é o renascimento corporal.

Muitos homens piedosos que buscavam Deus, foram regenerados na inteligência e na vontade; mas poucos conheceram o renascimento corporal. Este último renascimento foi também concedido a poucos homens, e àqueles a quem era dado só o era com o fim de que pudessem operar como "agentes" de Deus, de acordo com os mais elevados desígnios, e aproximar de novo a humanidade de sua felicidade.

Agora é necessário mostrar-vos, queridos irmãos, a verdadeira ordem do renascimento. Deus que é todo força, sabedoria e amor, opera tudo segundo a ordem e a harmonia.

Aquele que não recebe a vida espiritual, queridos irmãos, aquele que não nasce de novo no Senhor, não pode entrar no Céu. O homem é engendrado por seus pais no pecado original, quer dizer, entra na vida natural e não na espiritual.

A vida espiritual consiste em amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Neste duplo amor consiste o princípio da nova vida.

O homem é engendrado no mal, no amor de si mesmo e no amor do mundo.

"O amor de si mesmo",

"O interesse próprio",

"O prazer próprio";

Eis os atributos substanciais do mal. O bem está no amor de Deus e do próximo.

Não conhecer nenhum amor senão o amor de todos os homens;

Não conhecer nenhum interesse senão o interesse de todos os homens;

Não conhecer nenhum prazer, nenhum bem estar senão o bem estar de todos.

É assim que se distingue o espírito dos filhos de Deus, do espírito dos filhos do mundo.

Trocar o espírito do mundo pelo espírito dos filhos de Deus, é ser regenerado; e isto quer dizer despir o velho homem e revestir-se do novo.

Mas pessoa alguma pode renascer, se não sabe e não aplica os princípios seguintes:

A verdade deve ser o objeto da fé; o bem deve tornar-se, o objeto de nossa faculdade de fazer ou de não fazer uma coisa.

Assim, aquele que quer renascer, deve primeiro conhecer o que convém ao renascimento.

Deve poder conceber, meditar e refletir sobre tudo isto.

Deve também agir de acordo com o que ele sabe, e a consequência disso será uma nova vida.

Mas, como primeiro é necessário saber e ser instruído em tudo que diz respeito ao renascimento, um professor ou um instrutor é necessário; e conhecendo-se algum, a fé nele é também necessária; porque de que serviria o professor, se o discípulo não tem confiança nele?

Daí, o ponto de partida para renascer, é a fé na Revelação.

Deve começar a crer que o Senhor, o Filho, é a Sabedoria de Deus, que é de toda eternidade de Deus, e que veio ao mundo para tornar feliz a espécie humana. Deve crer que o Senhor tem todo poder no Céu e sobre a terra, e que toda fé e amor, todo bem e toda verdade vêm somente dele; que o Senhor é o Mediador, o Salvador o governador dos homens.

Quando esta fé a mais elevada criou raízes em nós, pensamos freqüentemente no Senhor, e esses pensamentos dirigidos para Ele, desenvolvem pela sua graça que reage em nós, os sete poderes espirituais prisioneiros, o caminho para esta realização é o seguinte.

"CAMINHO DA FELICIDADE"

Queres tu, homem e irmão, adquirir a mais alta felicidade que te seja possível? procura a Verdade, a Sabedoria e o Amor! Mas tu não encontrarás a Verdade, a Sabedoria e o Amor senão em uma unidade, que é o Senhor Jesus Cristo, o Ungido da Luz.

Procura Jesus Cristo com todas as tuas forças, procura-o com toda a plenitude de teu coração.

O começo de tua ascensão é o conhecimento de tua nulidade; deste conhecimento resulta a necessidade de um poder mais alto; esta necessidade é o germen da fé.

A fé dá a confiança, mas a fé tem também suas etapas. Em primeiro lugar vem a fé histórica;

Em seguida a fé moral;

Depois a fé divina;

E por fim a fé viva.

A progressão é a seguinte:

Começa a fé histórica quando aprendemos a conhecer, pela história e a Revelação, que existiu um homem que se chamava Jesus de Nazareth; que este homem era um homem inteiramente singular, que amava extraordinariamente os homens, acumulava-os de grandes benefícios, e levava uma vida extremamente virtuosa; enfim, que era um dos homens mais morais e dos melhores, e que merece toda nossa atenção e todo nosso amor.

Por esta fé simplesmente histórica da existência de Jesus Cristo, chega a fé moral cujo desenvolvimento faz com que nós adquiramos, vejamos e encontremos realmente prazer em tudo o que ensinava este homem; achamos que sua doutrina simples era cheia de sabedoria, e sua escola repleta de amor; que Ele tinha intenções retas para a humanidade, e que sofreu voluntariamente a morte pela verdade. É assim que a fé em Sua pessoa sucede a fé em suas palavras, e por esta se desenvolve a fé na Sua divindade.

Este mesmo Jesus Cristo que nos é tão caro em Sua pessoa, que se nos torna tão venerável por Sua vida e Sua doutrina; este mesmo Jesus Cristo nos diz agora que Ele é o Filho de Deus: Ele afirma o que diz por milagres; cura os doentes, ressuscita os mortos, ressuscita Ele próprio da morte e permanece com Seus discípulos para os instruir nos mistérios mais elevados da natureza e da religião, quarenta dias após sua ressurreição.

Aqui, a fé natural e razoável em Jesus Cristo, torna-se fé divina. Começamos a crer que Ele era Deus feito homem.

Desta fé resulta que temos por verdadeiro o que ainda não compreendemos e que Ele nos ordena a crer.

Por esta fé na divindade de Jesus, por este completo abandono a Ele e à fiel observância de Suas leis, manifesta-se em fim a fé viva, pela qual verificamos por experiência interior tudo o que havíamos crido até o presente, somente por uma confiança infantil; e esta fé viva e vívida é a mais alta de todas.

Quando nosso coração, pela fé viva, recebeu nele Jesus Cristo, então esta Luz do Mundo nasce nele como num pobre estábulo.

Tudo em nós é impuro, rodeado pelas teias de aranha da vaidade, coberto com o lodo da sensualidade.

Nossa vontade é o boi que está sob o jugo das paixões.

Nossa razão é o asno preso à teimosia de suas opiniões, a seus preconceitos e a suas tolices.

Nesta miserável choupana em ruínas, no lugar da habitação das paixões animais, Jesus Cristo nasceu em nós pela fé.

A simplicidade de nossa alma é o estado dos pastores que Lhe levam as primeiras oferendas, até que finalmente as três principais forças de nossa dignidade real, nossa razão, nossa vontade e nossa atividade se prosternem diante d'Ele e Lhe ofereçam os dons da verdade, da sabedoria e do amor.

Pouco a pouco o estábulo de nosso coração transforma-se em um Templo exterior no qual Jesus Cristo ensina. Mas este Templo está repleto de escribas e fariseus. Os vendilhões de pombos e os cambistas ainda se encontram nele e devem ser expulsos a fim de que o Templo se torne- uma Casa de Oração.

Pouco a pouco, Jesus Cristo elege, para O anunciar, todas as boas forças de nosso ser: Ele cura nossa cegueira, purifica nossa lepra, ressuscita o que em nós estava morto. Em nós sempre, Ele é crucificado, morre e ressuscita como vencedor glorioso. Desde então, Sua personalidade vive em nós e. nos instrui nos mais sublimes mistérios, até que finalmente Ele nos chama para a Regeneração integral, subindo ao Céu para nos enviar o Espírito de Verdade.

Mas antes do Espírito operar plenamente em nós, sofremos as transformações seguintes:

Primeiramente, os sete poderes de nosso entendimento são desobstruídos, e depois os sete poderes de nosso coração ou de nossa vontade também o são, e esta exaltação, se efetua como segue:

O entendimento humano se divide em sete poderes; o primeiro poder é o de olhar os objetos fora de nós; "intuitus".

Pelo segundo poder, apercebemos os objetos considerados; "apperceptio".

Pelo terceiro poder, o que foi apercebido é refletido; "reflexio".

O quarto poder é o de considerar os objetos apercebidos em sua diversidade; fantasia, "imaginatio".

O quinto poder é o de se decidir sobre qualquer coisa; "judicium".

O sexto poder coordena as coisas de acordo com suas relações; "ratia".

O sétimo poder, por fim, realiza a compreensão sintética das coisas coordenadas; "intellectus".

Este último contém, por assim dizer, a soma de todos os outros.

A vontade do homem se divide igualmente em sete poderes, que, tomados em conjunto, formam a vontade do homem, ou são, por assim dizer, como suas partes substanciais.

O primeiro é a capacidade de desejar as coisas fora de si; "desiderium".

O segundo é a capacidade de poder apropriar-se das coisas desejadas; "appetitus".

O terceiro é o poder de lhes dar uma forma, de torná-las reais, ou de satisfazer a concupiscência; "concupiscentia".

O quarto é o poder de receber em si as inclinações sem decidir-se por nenhuma, ou o estado de paixão; "passio".

O quinto é o poder de se resolver em pró ou contra uma coisa, a liberdade; "libertas".

O sexto é o poder de escolha, ou da resolução realmente tomada; "electio".

O sétimo é o poder de dar uma existência ao objeto escolhido, "voluntas".

Este sétimo poder contém ainda todos os outros dos quais é a soma.

Agora, os sete poderes do entendimento, como também os sete poderes de nosso coração ou da vontade, podem ser enobrecidos e exaltados de uma maneira particular, quando tomamos Jesus Cristo, como sendo a Sabedoria de Deus, por princípio de nossa razão; e sua vida, toda Amor, por impulso de nossa vontade.

Nosso entendimento está formado de acordo com o de Jesus Cristo.

1° Quando O temos em vista em todas as coisas, quando Ele forma o único critério de nossas ações; "intuitus".

2° Quando apercebemos por toda parte Suas ações, Seus sentimentos e Seu espírito; "apperceptio".

3° Quando em todos os nossos pensamentos, refletimos sobre Seus preceitos, quando pensamos em todas as coisas, como Ele teria pensado; "reflexio".

4° Quando fazemos de modo com que Seus sentimentos, Seus pensamentos, Sua sabedoria sejam o objeto único de nossa força de imaginação; "fantasia".

5° Quando rejeitamos cada pensamento que não está de acordo com o Seu, e quando escolhemos cada pensamento que podia ser o Seu; "judicium".

6° Quando finalmente coordenamos todo o edifício de idéias de nosso espírito de acordo com Suas idéias e Seu espírito; "ratio".

É assim que

7° Nascerá em nós uma nova luz, mais alta, ultrapassando de muito, à razão dos sentidos; "intellectus".

Nosso coração se reforma do mesmo modo, quando em tudo:

1° Não tendemos senão para Ele: "desiderare".

2° Não queremos senão a Ele: "appetere".

3° Não desejamos senão a Ele: "concupiscere".

4° Não amamos senão a Ele: "amare".

5° Não escolhemos senão tudo aquilo que Ele é, e fugimos de tudo o que Ele não é: "eligere".

6° Não vivemos senão em harmonia com Ele, com Seus mandamentos, Suas instituições e suas ordens: "subordinare". Pelo que, finalmente:

7° Nasce uma união completa de nossa vontade com a Sua, pela qual nós não somos n'Ele e com Ele senão um sentido e um coração, de maneira que o "novo homem", se manifesta pouco a pouco em nós, a Divina Sabedoria e o Amor Divino se unem para engendrar o novo homem espiritual, no coração do qual a fé passa à visão real, de modo que em comparação a esta Fé Viva, os tesouros das duas Índias não são mais de que poeira.

Esta posse atual de Deus ou Jesus Cristo em nós, é o centro para o qual convergem todos os mistérios, como os raios de um círculo.

O reino de Deus é um reino de verdade, de moralidade e de felicidade. Ele opera do mais interno ao mais externo dos próprios indivíduos e deve espalhar-se progressivamente, pelo Espírito de Jesus Cristo, sobre todas as nações, para instaurar por toda parte uma ordem na qual se beneficiarão igualmente o indivíduo e a espécie, e graças à qual a natureza humana poderá alcançar a sua mais alta perfeição e onde a humanidade sofredora poderá achar o remédio para todos seus males.

Assim, só o Amor e o Espírito de Deus, vivificarão um dia, o gênero humano, despertando e diligenciando as forças de nossa natureza, orientando-as de acordo com os desígnios da Sabedoria e fazendo, entre elas, reinar a harmonia.

Paz, fidelidade, concórdia doméstica, amor dos superiores para com seus inferiores, solicitude dos empregados, para com seus chefes, amor recíproco das nações serão os primeiros frutos deste espírito.

A inspiração do bem sem quimeras, a exaltação de nossa alma sem uma tensão excessiva, a calorosa solicitude do coração sem impaciência turbulenta, aproximarão, reconciliarão e unirão os povos humanos, tanto tempo separados e divididos, tanto tempo levantados uns contra os outros pelos erros e os preconceitos.

Então, no grande Templo da Natureza, grandes e pequenos, pobres e ricos, entoarão louvores ao Pai do Amor!

FIM